

BOLETIM DE CONJUNTURA DA BAHIA
SEGUNDO TRIMESTRE DE 2026

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Jerônimo Rodrigues Souza
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
Cláudio Ramos Peixoto
SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI)
José Acácio Ferreira
DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)
Armando Affonso de Castro Neto
DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)
Rodrigo Barbosa de Cerqueira
COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)
Urandi Roberto Paiva Freitas
COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)
Lucigleide Nery Nascimento
COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS (Coref)
João Paulo Caetano Santos
ELABORAÇÃO TÉCNICA
Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário Internacional, Nacional e Estadual)
Flávio de Jesus Sales (Agropecuária)
Carla Janira Souza do Nascimento (Produção Industrial)
Elissandra Alves de Britto (Comércio Varejista)
Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)
Arthur Souza Cruz Junior, *Flávio de Jesus Sales*, *Felipe Soares Sepúlveda*
(Comércio Exterior)
Gabriel Oliveira Barbosa e Marília Jane Campos (Finanças Públicas)
João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e Carol Vieira (Produto Interno Bruto)
Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de Trabalho)
COORDENAÇÃO EDITORIAL
Elissandra Alves de Britto
Maria Margarete de Carvalho Abreu Perazzo
NORMALIZAÇÃO
Eliana Marta Gomes Silva Sousa
EDITORIA-GERAL
Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanaís
EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

DESIGN GRÁFICO
REVISÃO DE LINGUAGEM
EDITORAÇÃO
EGBA

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO.....	04
PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL	06
OS EFEITOS DA IMPREVISIBILIDADE NO CENÁRIO MUNDIAL	06
PESQUISAS APONTAM CRESCIMENTO MODERADO DA ATIVIDADE ECONÔMICA BRASILEIRA	11
ECONOMIA BAIANA FICA AQUÉM DO ESPERADO NO TRIMESTRE	17
PRODUÇÃO AGRÍCOLA DA BAHIA TEM SAFRA RECORDE EM 2026	20
ABATE DE BOVINOS ATINGE RECORDE E PECUÁRIA BAIANA MANTÉM EXPANSÃO	24
QUEDA NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BAIANA NO 1º SEMESTRE.....	25
NA BAHIA, VENDAS TRIMESTRAIS DO VAREJO ACOMPANHAM COMPORTAMENTO DO SEMESTRE	29
SERVIÇOS: REDUZIU A TENDÊNCIA DE DESACELERAÇÃO	34
TURISMO: PRINCIPAL SUSTENTÁCULO DO SETOR DE SERVIÇO NA ECONOMIA BAIANA.....	36
EFEITO PREÇO GARANTE DESEMPENHO POSITIVO PARA AS EXPORTAÇÕES BAIANAS.....	39
IMPORTAÇÃO	42
BAHIA MANTÉM FINANÇAS PÚBLICAS SOB LIMITES DA LRF	44
PIB BAIANO TEM ALTA DE 2,3% NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 2026	51
MERCADO DE TRABALHO: SALDO MENOR, MAS TODOS OS SETORES GERAM POSTOS FORMAIS NA BAHIA	56

SUMÁRIO EXECUTIVO

A economia baiana manteve trajetória de crescimento no segundo trimestre de 2026, embora com comportamentos distintos entre os principais setores de atividade. O Produto Interno Bruto (PIB) do estado avançou 2,3% em relação ao mesmo período de 2025 e 1,0% frente ao trimestre imediatamente anterior. O resultado foi sustentado principalmente pela agropecuária e pelos serviços, enquanto a indústria permaneceu como o principal ponto de fragilidade da atividade econômica.

A agropecuária apresentou desempenho favorável, beneficiada pelas condições climáticas e pelo aumento da produtividade. A produção baiana de cereais, leguminosas e oleaginosas foi estimada pelo IBGE em mais de 13,3 milhões de toneladas, expansão de 3,2% frente a 2025, com crescimento das principais culturas, especialmente soja, milho e algodão. Na pecuária, o abate de bovinos alcançou aproximadamente 390 mil cabeças no segundo trimestre, maior resultado da série histórica.

Nos serviços, o volume cresceu 3,9% na comparação interanual, acima do resultado nacional de 1,6%, com destaque para os serviços profissionais, administrativos e complementares. O turismo manteve desempenho relevante, com expansão de 6,3%, enquanto a média nacional registrou retração de 2,7%. No comércio varejista, as vendas cresceram 2,6% frente ao segundo trimestre de 2025, mas recuaram 0,5% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, refletindo um ambiente ainda marcado por juros elevados e endividamento das famílias.

A indústria apresentou sinais distintos conforme a base de comparação. A produção física avançou 0,3% frente ao trimestre anterior, com ajuste sazonal, mas permaneceu em terreno negativo na comparação interanual. O desempenho refletiu dificuldades em segmentos importantes da estrutura industrial baiana, ao mesmo tempo em que atividades como produtos alimentícios, indústrias extrativas e minerais não metálicos apresentaram resultados positivos.

No comércio exterior, as exportações alcançaram US\$ 5,95 bilhões no primeiro semestre, crescimento de 7,0% em relação ao mesmo período de 2025. O resultado foi sustentado principalmente pela elevação dos preços médios, uma vez que o volume embarcado recuou 2,7%. As importações cresceram em ritmo mais intenso,

26,9%, atingindo US\$ 5,75 bilhões, com destaque para veículos eletrificados e bens de capital. No segundo trimestre, soja e ouro estiveram entre os principais destaques das exportações baianas.

O mercado de trabalho permaneceu como elemento de sustentação da atividade. Entre abril e junho foram gerados 25.845 postos formais, com saldos positivos nos cinco grandes setores econômicos. Ao final do trimestre, a Bahia contabilizava aproximadamente 2,19 milhões de vínculos celetistas ativos, enquanto a taxa de desocupação ficou em 9,1%, o menor nível para um segundo trimestre da série histórica, juntamente com o observado em 2025.

Nas finanças públicas, o estado permaneceu dentro dos limites estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal para despesas com pessoal e endividamento. No segundo trimestre, as receitas estaduais apresentaram crescimento real de 29,45% em relação ao mesmo período de 2025, acima da expansão das despesas, enquanto os investimentos cresceram 40,28%. No acumulado até junho, as contas estaduais registraram superávit nominal de aproximadamente R\$ 143,9 milhões.

Em síntese, os indicadores apontam para uma economia baiana que manteve crescimento no segundo trimestre, mas com dinâmica heterogênea entre os setores. Agropecuária e serviços contribuíram para a expansão, acompanhados por um mercado de trabalho ainda favorável, enquanto a indústria apresentou maior fragilidade. Para o segundo semestre, juros elevados, pressões inflacionárias e incertezas no ambiente internacional permanecem entre os principais condicionantes da trajetória da economia estadual.

PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

OS EFEITOS DA IMPREVISIBILIDADE NO CENÁRIO MUNDIAL

A economia mundial está vivendo um período de imprevisibilidade e incerteza. Os riscos para o cenário econômico estão mais equilibrados do que em abril, mas ainda pendem para baixo. A possibilidade de uma retomada do conflito no Oriente Médio segue no radar e pode prolongar a volatilidade dos preços das commodities, ampliar as ameaças às cadeias de suprimento, pressionar a inflação e deteriorar as condições financeiras.

No segundo trimestre, os resultados do PIB foram positivos. A China apresentou a melhor taxa entre as maiores economias. Os Estados Unidos apresentou resultado menor que no primeiro trimestre. A Zona do Euro cresceu acima do esperado e o Japão também cresceu 1,1%. A seguir são destacados os fatores que contribuíram para desempenho do PIB destes países ou regiões, levando em consideração aspectos conjunturais e os impactos da guerra no Oriente Médio que impactaram as referidas taxas nos Estados Unidos, China, Zona do Euro e do Japão, bem como são apontadas as previsões para 2026 e 2027.

No segundo trimestre, o PIB da segunda maior economia do mundo desacelerou e atinge menor ritmo em três anos. A economia chinesa cresceu 4,3% no 2º trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano passado e ficou abaixo da meta de crescimento fixada por Pequim para 2026. Com este resultado, o PIB da China registrou crescimento de 4,7% no primeiro semestre. Na comparação com o trimestre anterior, o PIB cresceu 0,9% entre abril e junho. Os dados foram divulgados pelo Escritório Nacional de Estatísticas da China.

O desempenho marcou a menor taxa anual de crescimento da China desde o quarto trimestre de 2022, quando as rígidas restrições da política de combate à Covid-19 ainda pesavam sobre a atividade econômica.

A principal causa para essa desaceleração da economia chinesa foi o persistente descompasso entre uma oferta forte e uma demanda enfraquecida, que evidenciou profundos desequilíbrios estruturais.

A economia chinesa vem se tornando cada vez mais desequilibrada: a produção industrial segue robusta, impulsionada pelas exportações ligadas à inteligência artificial, enquanto o consumo e os investimentos continuam pressionados pela prolongada crise do setor imobiliário e pelos efeitos do choque global nos preços do petróleo.

Um dos resultados que mais chamam atenção [...] foi que o investimento total em ativos fixos—que abrange infraestrutura, manufatura e construção imobiliária— caiu 5,7% em relação ao 1º semestre de 2025. O investimento em construção imobiliária foi o que mais caiu (18%).¹

Por outro lado, o total de vendas no varejo de bens de consumo reportou aumento de 2,7% em relação ao ano anterior. Já a balança comercial chinesa registrou um aumento de 16,9%. As exportações subiram 13,4%, enquanto as importações cresceram 22,1% nos seis primeiros meses do ano.

Entre os indicadores que contribuíram para esse desempenho, o Departamento Nacional de Estatísticas informou que a taxa de desemprego urbano pesquisada recuou para 5,0% em junho, ante 5,1% em maio, enquanto a renda disponível per capita aumentou 5,2% em relação ao mesmo período do ano anterior.

“Há um consenso geral entre as autoridades e pesquisadores de que a China precisa impulsionar a demanda interna”. Mas não há consenso sobre como fazer isso. Apesar dos diversos choques externos registrados no período, as cadeias industriais e de suprimentos da China permaneceram resilientes, reforçando o papel do país como “fábrica do mundo” e “mercado mundial”.

A economia dos Estados Unidos registrou um crescimento anualizado de 1,5% no segundo trimestre de 2026, segundo a estimativa inicial divulgada pelo BEA (Bureau of Economic Analysis). O resultado representa uma desaceleração ante o 1º trimestre,

¹ Ver a respeito PIB chinês sobe 4,3% no 2º tri e fica abaixo da meta do governo. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-china/pib-chines-sobe-43-no-2o-tri-e-fica-abaixo-da-meta-do-governo/>. Acesso em: 14 jul. 2026.

quando o PIB real do país havia avançado 2,1%.

O crescimento econômico dos Estados Unidos desacelerou no segundo trimestre em meio a ampliação do déficit comercial, mas a aceleração dos gastos do consumidor e o investimento robusto das empresas em equipamentos relacionados à implantação de infraestrutura de inteligência artificial apontam para uma força subjacente.

No segundo trimestre, a principal contribuição positiva para o PIB veio dos gastos com consumo pessoal, que avançaram 3,2% anualizado, acelerando significativamente em relação aos 0,5% observados no trimestre anterior e superando o consenso de mercado de alta de 2,3% anualizado. Com isso, o consumo adicionou 2,1 p.p. ao crescimento do PIB no período. O resultado foi derivado de uma expansão disseminada entre bens e serviços. O consumo de bens avançou 5,2% e contribuiu com 1,1 p.p., refletindo as altas de 6,8% dos bens duráveis e de 4,4% dos bens não duráveis. Entre os principais destaques estiveram medicamentos, veículos e peças, especialmente caminhonetes leves novas, além de móveis e equipamentos domésticos duráveis. Por sua vez, o consumo de serviços cresceu 2,2% e adicionou 1,0 p.p.

Os gastos do governo contribuíram negativamente para o PIB no segundo trimestre de 2026, retirando 0,14 p.p. do crescimento, após terem avançado 4,4% no trimestre anterior com a normalização das atividades da máquina pública após o *shutdown*. Pelo lado do setor externo, o comércio internacional voltou a exercer pressão negativa relevante sobre o crescimento no segundo trimestre. As exportações líquidas retiraram 1,0 p.p. do PIB, refletindo principalmente o avanço de 11,5% anualizado das importações, que subtraíram 1,5 p.p. do índice cheio. Esse crescimento foi concentrado nas importações de bens de capital, especialmente equipamentos de telecomunicações, semicondutores e equipamentos industriais.

De modo geral, o resultado do segundo trimestre não altera a expectativa de que a economia americana permanecerá resiliente ao longo de 2026, reduzindo os temores de uma perda abrupta de dinamismo que possa provocar uma desaceleração mais significativa do mercado de trabalho. Embora o crescimento do PIB tenha vindo abaixo do esperado, a composição foi mais favorável do que o índice cheio sugere, com forte

aceleração do consumo das famílias e manutenção de um ritmo robusto dos investimentos fixos, especialmente em equipamentos e produtos de propriedade intelectual.

Em síntese, os números de hoje reforçam a percepção de que a economia americana segue resiliente, mesmo diante de um cenário externo adverso e marcado por elevada incerteza decorrente do conflito no Oriente Médio. Ao mesmo tempo, a força da demanda privada e a aceleração das medidas mais amplas de preços sugerem que o Fed deverá manter uma postura cautelosa na condução da política monetária.

A economia da zona do euro cresceu no segundo trimestre, impulsionada pela recuperação da atividade econômica na França e na Irlanda após um início de ano fraco. A economia das 21 nações que compartilham a moeda comum expandiu 0,4% no trimestre, superando as projeções de 0,2% apontadas em pesquisa da Reuters, após uma contração de 0,2% registrada no trimestre anterior, segundo dados do Eurostat. Em comparação com o mesmo trimestre do ano passado, o crescimento no bloco de 360 milhões de pessoas acelerou para 1,0%, ante 0,3% registrado três meses antes, ficando acima das estimativas de 0,5%.

Apesar das contínuas interrupções na cadeia de suprimentos e dos preços mais altos da energia, impulsionados pela guerra dos EUA e Israel contra o Irã, as economias da zona do euro provaram ser mais resilientes do que muitos economistas acreditavam.

A indústria, estagnada há um ano, também se manteve surpreendentemente bem diante dos altos custos de energia e pode ter somado ao crescimento, ao contrário de anos anteriores, quando atuou como um freio persistente.

A Alemanha, terceira maior economia do mundo, a França e a Itália expandiram 0,2% no trimestre. Já a Espanha, líder de desempenho do bloco há anos, avançou 0,7%, acima das projeções de 0,6%. Por sua vez, a Holanda cresceu 0,4%, o dobro da taxa esperada.

Houve sinais de que a economia europeia está sendo impulsionada por serviços relacionados à inteligência artificial (IA). A Irlanda abriga as sedes internacionais de várias grandes empresas de tecnologia dos EUA, e seu salto no segundo trimestre foi

impulsionado pelo setor de informação e comunicações.

Ainda assim, o crescimento na zona do euro permanece em terreno instável. Embora as tensões no Oriente Médio tenham diminuído em junho, um colapso nas negociações e a escalada dos ataques no mês seguinte ameaçam pesar ainda mais a economia no futuro. O crescimento também enfrenta um arrasto significativo devido aos incêndios florestais, já que uma onda de calor recorde continua a se espalhar.

A economia do Japão que teve uma expansão anualizada de 1,1% no segundo trimestre, apontam dados do governo, ficou abaixo da expectativa de 2%. O ritmo de crescimento trimestral desacelerou em relação ao registrado de janeiro a março. A demanda interna recuou 0,2% no segundo trimestre. O setor externo deu a principal contribuição positiva para o resultado. As exportações de bens e serviços cresceram 0,5% ante o trimestre anterior, enquanto as importações caíram 1,5%. Com isso, as exportações líquidas contribuíram com 0,5 pontos percentuais para a variação do PIB.

“A economia continua em uma trajetória de recuperação moderada, com o crescimento impulsionado pelas exportações compensando a fraqueza da demanda interna”, afirmou o ministro da Economia, Minoru Kiuchi, em comunicado.

Os dados do PIB foram um pouco fracos, mas é provável que a economia continue se recuperando moderadamente”, disse Naoki Hattori, economista-chefe para o Japão do Instituto de Pesquisa Mizuho. “Dados os riscos de a inflação subjacente ultrapassar a meta, é provável que o Banco do Japão prossiga com um aumento dos juros nos próximos meses.”²

Os dados do PIB são a primeira estimativa preliminar para o período. A segunda estimativa deverá incorporar informações adicionais, podendo revisar os números divulgados.

Com base nesses resultados do segundo trimestre, o Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou para cima as previsões para a economia global, mesmo diante dos conflitos no Oriente médio, das tensões comerciais e das persistentes incertezas no cenário internacional. Segundo o relatório Perspectivas da Economia Mundial de julho

² Ver a respeito Crescimento do Japão no 2º Trimestre fica abaixo do esperado por quedas nos gastos e investimentos. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2026/08/crescimento-do-japao-no-2o-trimestre-fica-abaixo-do-esperado-por-queda-nos-gastos-e-investimentos/>. Acesso em: 17 ago. 2026.

(WEO, na sigla em inglês), o crescimento global é projetado em 3,0 % em 2026 e 3,4 % em 2027, abaixo da média de 3,5% observada em 2024–25 e, no acumulado, praticamente sem mudança em relação às projeções do mês de abril de 2026. A desaceleração moderada reflete os efeitos da guerra no Oriente Médio. A inflação global cheia deve subir de 4,1% em 2025 para 4,7 % em 2026 antes de recuar para 3,9 % em 2027. Levemente revisadas para cima desde abril, essas projeções indicam perda de força do processo de desinflação observado desde o início de 2024.

O FMI prevê para as economias avançadas expansão de 1,7% em 2026 e 1,8% em 2027. Para os mercados emergentes e economias em desenvolvimento a taxa de crescimento do PIB ficou em 3,8% para 2026 e 4,5% para o próximo ano. Na área do euro, espera-se que o crescimento acelere, mas em um ritmo mais gradual do que o previsto em janeiro. Em 2026, leve alta de 0,9% e 1,2% em 2027, com as tensões geopolíticas continuando a afetar as políticas de recuperação econômica.

PESQUISAS APONTAM CRESCIMENTO MODERADO DA ATIVIDADE ECONÔMICA BRASILEIRA

As pesquisas mensais do IBGE para os principais setores da atividade econômica já indicam um crescimento moderado da atividade econômica brasileira no segundo trimestre, embora a geração de empregos continue ainda em ritmo adequado.

Em junho, as pesquisas mensais do IBGE para os principais setores da atividade econômica apontaram os seguintes resultados: produção industrial, comércio varejista e serviços, quando comparado a de junho de 2025, mostraram taxas de 1,7%, 2,9% e 2,0%, respectivamente. Já em relação a maio, livre de influências sazonais, as taxas foram: indústria (-1,8%), comércio varejista (0,5%) e serviços (0,0%).

Esses dados já sinalizam uma leve desaceleração da atividade econômica, mesmo com mercado de trabalho aquecido, com a taxa de desocupação registrando o menor nível da série histórica para esse período.

No resultado do segundo trimestre, a produção industrial do país avançou 1,5% na comparação com igual período do ano anterior, mantendo a taxa positiva iniciada no

primeiro trimestre de 2026. No primeiro semestre a expansão também foi de 1,5%.

Uma acomodação na indústria brasileira é esperada para o segundo semestre, diante do “tarifaço” que terá impactos sobre a economia mundial, em linha com a perda de força gradual da economia nacional. A expectativa de economistas é que a indústria brasileira deve sentir este ano os impactos da alta dos juros, do encarecimento do crédito, e queda na confiança dos empresários.

O comércio varejista mesmo com a taxa de juros elevada e da inflação acima da meta conseguiu, apresentar resultados positivos, impulsionado pela geração de emprego em todos esses meses do segundo trimestre. Em junho de 2026, o volume de vendas do comércio varejista cresceu 0,5% em relação a maio de 2026. Em relação a junho de 2025, o comércio varejista também apresentou crescimento de 2,9%. No segundo trimestre cresceu 1,4%. No primeiro semestre, o varejo acumulou crescimento de 1,9%.

No segundo trimestre, seis atividades tiveram resultados no campo positivo: Combustíveis (1,8%), Móveis e eletrodomésticos (1,4%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (4,3%), Hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (0,9%).

No comércio varejista ampliado, que inclui veículos, motos, partes e peças, material de construção e atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, o volume de vendas cresceu 4,9% em junho e o primeiro semestre fechou em 1,9%. Os dados são da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC).

Mesmo com o setor registrando crescimento no segundo trimestre a expectativa de economistas ainda é de que o ritmo de expansão da economia deve desacelerar ao longo do segundo semestre de 2026. Os motivos são o impacto da inflação e dos juros elevados. Embora o cenário atual seja desafiador, a expectativa é de que a desaceleração seja relativamente moderada. Para isso, o mercado de trabalho aquecido e o aumento da massa salarial podem contribuir para sustentar o consumo das famílias.

Em junho de 2026, o volume de serviços no Brasil ficou estável (0,0%) frente ao mês

imediatamente anterior, após ter registrado variação negativa (-0,2%) em maio. Em relação a junho de 2025, na série sem ajuste sazonal, o volume de serviços cresceu 2,0% em junho de 2026, vigésimo sétimo resultado positivo consecutivo. Com, esse resultado o setor se encontra 19,9% acima do nível pré-pandemia (fevereiro de 2020) e renova, neste mês, o ponto mais alto da série histórica.

O acumulado no segundo trimestre de 2026 mostrou expansão de 3,9 % frente a igual período de 2025, com três das cinco atividades registrando taxas positivas. Entre os setores, a contribuição positiva mais importante ficou com o ramo de informação e comunicação (7,2%). Os demais avanços vieram dos Serviços profissionais, administrativos e complementares (2,5%); e dos prestados às famílias (2,5%). No primeiro semestre, os Serviços cresceram 2,0%, segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE.

A estimativa de junho para a safra 2025 é recorde da série histórica do IBGE. O crescimento da safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas em relação a 2025 é consequência do aumento da área plantada e da produtividade das principais culturas.

A estimativa de junho de 2026 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas foi de 347,4 milhões de toneladas, 0,4% maior que a obtida em 2025 (346,1 milhões de toneladas), crescimento de 1,3 milhão de toneladas. Em relação ao mês anterior, houve queda de 3 milhões de toneladas (-0,8%).

A desaceleração dos setores, diante de uma conjuntura desafiadora, com taxas de juros elevadas, elevação da inflação e incerteza no cenário internacional não impediu a geração de empregos formais, agora em um ritmo mais lento, com queda 16,5% em relação ao primeiro trimestre de 2026.

Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego os números que abarcam o setor privado com carteira assinada apresentou no segundo trimestre saldo positivo em 306.816. No acumulado do ano foram 921,645 mil adicionados ao estoque de emprego formal, um resultado 25,1% menor do que o observado no mesmo período de 2025, quando foram

criados 1,229 milhão de empregos formais. No acumulado de 12 meses, os números mostram 963.921 contratações líquidas.

Ao fim de junho de 2026, o Brasil tinha saldo de 48,032 milhões de empregos com carteira assinada, um aumento 0,4% na comparação com março de 2026 (47,86 milhões). Os números do Caged mostraram que no segundo trimestre de 2026 foram criados empregos formais nos cinco setores da economia. O setor de serviços foi o que mais contratou ao longo do trimestre. O comércio foi o segundo grupo com maior crescimento de vagas.

O salário médio real de admissão em junho foi de R\$ 2.404,34, valor superior ao registrado em maio (R\$ 2.387,44), representando aumento de R\$ 16,90 (+0,7%). Em comparação com junho do ano anterior, já descontados os efeitos sazonais do período, o aumento foi de R\$ 27,39 (+1,2%).

Para os trabalhadores considerados típicos, o salário médio real de admissão foi de R\$ 2.446,27, valor 1,7% superior à média geral. Já para os trabalhadores não típicos, o salário médio foi de R\$ 2.101,51, equivalente a 12,6% abaixo da média.

A taxa de desocupação, medida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE, encerrou o segundo trimestre de 2026 com avanço de 5,4%, variação de -0,7 p.p. em relação ao trimestre de janeiro a março de 2026 (6,1%). Essa taxa foi a menor da série histórica iniciada em 2012, recuando nas duas comparações: -0,7 pontos percentuais (p.p.) frente ao trimestre anterior (6,1%) e -0,4 p.p. ante o trimestre móvel encerrado em junho de 2025 (5,8%).

O rendimento real habitual recebido de todos os trabalhos foi estimado em R\$ 3.738, registrando estabilidade frente ao trimestre de janeiro a março de 2026 e crescimento de 2,8% relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

A massa de rendimento real habitual (R\$ 380,3 bilhões) quando comparada ao trimestre móvel de janeiro a março de 2026 apresentou estabilidade. Frente ao mesmo trimestre do ano anterior, houve aumento de 3,6%, o que representa um acréscimo de R\$ 13,2 bilhões na massa de rendimentos.

A economia brasileira como um todo teve crescimento considerado modesto no segundo trimestre de 2026, quando começaram a aparecer sinais de desaceleração entre os setores, em razão dos juros altos associado às incertezas globais com as tarifas de Donald Trump e a continuidade da guerra no Oriente médio que tiveram impactos negativos sobre a atividade econômica do primeiro semestre.

O PIB do segundo trimestre teve uma alta de 0,5% sobre o trimestre anterior, e de 2,0% em relação ao mesmo período do ano passado, após avanço de 1,8% no primeiro trimestre de 2026, portanto a expansão da economia pode se restringir ao primeiro semestre do ano que cresceu 1,9%, diante de um risco de retração na indústria da transformação, que deve registrar atividade mais fraca, e no varejo, pelos juros altos, inadimplência e endividamento das famílias.

Os resultados das pesquisas mensais do IBGE já apontavam para essa tendência de desaceleração. A Indústria Geral com 0,3%, queda de 0,4% para o Comércio varejista e um crescimento de 2,4% no setor de Serviços no segundo trimestre frente ao primeiro trimestre de 2026. Diante desses resultados, o PIB pelo lado da produção no segundo trimestre mostrou estabilidade de 0,5%.

Os componentes do PIB pela ótica da demanda, no segundo trimestre de 2026 em relação ao primeiro de 2026 já apontam desaceleração, impactado pela inflação e a alta da taxa de juro. A Formação Bruta de capital Fixo e a Despesa de Consumo do Governo cresceram modestamente 1,2% e 0,4%, respectivamente. O Consumo das famílias registrou queda 0,4%. No setor externo, na mesma comparação, as Exportações de Bens e Serviços recuaram 0,8%, enquanto as Importações de Bens e Serviços mostraram variação positiva de 1,8%.

Ainda pela ótica da demanda, o consumo das famílias avançou 1,1% no primeiro semestre de 2025. O nível elevado dos juros representou um entrave para um avanço maior desse indicador, principalmente no segundo trimestre.

Outro componente da demanda que cresceu foi a Consumo do Governo que registrou expansão de 2,9%. A taxa de investimento ainda encontra-se deprimida em 16,1% do

PIB, enquanto a taxa de poupança atingiu 16,6% do PIB.

No setor externo, as Exportações de Bens e Serviços registraram aumento de 5,5%, enquanto as Importações de Bens e Serviços cresceram com taxa de 3,4%.

Pelo lado da produção, em relação ao primeiro trimestre de 2026, a Agropecuária apresentou leve avanço de 2,8%, que pode ser explicada pelo excelente desempenho do primeiro trimestre, safra relevante e pelo aumento da produtividade. A Indústria avançou apenas 0,1%, com queda na Construção (-0,4%), Eletricidade, gás e água (-2,7%) e na indústria de Transformação (-0,4%) e crescimento na Indústria extrativa (5,4%). Os Serviços cresceram 0,2% puxados pelas contribuições de Informação e comunicação (2,1%); Transportes, Armazenagem e Correios (1,1%).

No primeiro semestre de 2026, o crescimento da economia brasileira foi 1,9%, mais alto do que o esperado pelo mercado no início do ano, que apontava um PIB anual de apenas 1,5%. Ao longo do ano, o PIB foi impulsionado pelos resultados da Agropecuária (3,6%) e Serviços (1,8%).

Em linhas gerais, os números do PIB do segundo trimestre de 2026 mostraram uma redução mais acentuada do que a esperada, evidenciando uma desaceleração da atividade econômica. Comparando com o mesmo trimestre do ano anterior mostra uma taxa decrescente desde o segundo trimestre de 2025. Em relação ao trimestre anterior, também há retração na passagem de 1,1% para 0,5%. Assim, os resultados reforçam a tendência de desaceleração da economia nos próximos trimestres, mesmo em meio à incerteza sobre as novas tarifas dos Estados Unidos contra o país. Em relação a 2025, a projeção do FMI sinalizou expansão para a economia brasileira. O Fundo informou que a estimativa para 2026 subiu 0,5 pontos percentuais, para 2,4%. Para 2027, o FMI também revisou para cima a estimativa de crescimento da atividade econômica brasileira, de 2,0% para 2,2%.

Na avaliação de Rafael Perez, economista da Suno Research:

“A política monetária restritiva tende a impactar com mais força a atividade na segunda metade do ano, ao mesmo tempo em que o elevado endividamento das famílias, as incertezas fiscais e as turbulências externas

podem adicionar riscos³”.

O FMI também manteve projeção de que a inflação deve chegar a 5,3% este ano e que o aperto monetário conduzido pelo BC levará o índice de preços ao centro da meta, de 3%, aproximadamente no final de 2027.

ECONOMIA BAIANA FICA AQUÉM DO ESPERADO NO TRIMESTRE

A economia baiana no segundo trimestre apresentou desempenho abaixo do esperado com quedas nos setores da indústria geral e no setor de comércio varejista em relação ao primeiro trimestre, com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No período, a atividade econômica da Bahia no segundo trimestre apresentou queda indústria geral e comércio varejista, e expansão nos serviços.

Os serviços, quando comparado com o segundo trimestre do ano anterior, registraram expansão de 3,9%. Da mesma forma, o volume das atividades turísticas na Bahia, quando comparado com o segundo trimestre do ano de 2025, apresentou crescimento de 6,3%. Por outro lado, a inflação e elevação da taxa de juros no segundo trimestre do ano funcionaram como amortecedores, impedindo uma expansão maior na atividade econômica.

A indústria baiana, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, registrou leve expansão de 0,3% no segundo trimestre em relação ao primeiro trimestre de 2026. Na comparação com o segundo trimestre de 2025, contudo, a produção industrial registrou queda de 6,5%.

O comércio varejista, na análise trimestral, com ajuste sazonal, perdeu o ritmo e registrou retração de -0,5%. A inflação, a alta dos juros e aumento da inadimplência foram determinantes para o comportamento do setor.

Entretanto, a queda em alguns setores da atividade econômica, não impediu a expansão do mercado trabalho. A conjuntura do mercado de trabalho é apresentada

³ Ver a respeito Oliveira, Élidea. Economia/Atividade econômica. PIB desacelera e mostra Brasil ‘diminuindo a marcha’ com juro alto, tarifaço e safras. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/pib-desacelera-2t25/>. Acesso em: 02 set. 2025.

com base tanto os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, quanto os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com foco em informações trimestrais. De acordo com os dados do Caged, de abril a junho de 2026, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no estado aumentou em relação ao trimestre imediatamente antecedente, fruto da geração líquida de 25.845 postos. Ao fim do segundo trimestre deste ano, reforçado pelo ganho líquido ocorrido nesse intervalo, a Bahia passou a contar com 2.193.848 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 2,60% sobre o quantitativo de 2.138.254 empregos computados no início do ano.

O crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia no segundo trimestre de 2026 alcançou todos os cinco grandes estratos setoriais. O setor de Serviços se destacou com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 14.433 trabalhadores no período. O setor de Construção, com 5.406 novos contratos, também indicou um saldo relevante, o segundo maior entre as atividades. Em seguida, com dados positivos menos significativos, vieram a Indústria geral (+4.092 vínculos), o Comércio (+1.297 postos) e a Agropecuária (+614 vagas).

Conforme os dados da PNADC, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 9,1% no segundo trimestre de 2026. Trata-se do menor índice para um segundo trimestre da série, juntamente com o do mesmo período de 2025.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao segundo trimestre mostraram que os resultados negativos para a indústria geral, e comércio varejista. Entretanto, a geração de empregos formais e, principalmente, o excelente desempenho da safra de grãos contribuíram que o PIB da Bahia, calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), expandisse 1,0% quando comparado ao trimestre anterior. Na comparação com o segundo trimestre de 2026 em relação ao mesmo período de 2025 registrou crescimento de 2,3%, em linha com o desempenho da economia brasileira, que avançou 2,0% no mesmo período.

Sob a ótica da produção, o resultado do segundo trimestre revela um cenário com

dinâmicas distintas entre os setores. Além do bom desempenho da agropecuária (5,7%), tem-se o setor de serviços (2,8%), cuja resiliência e participação ainda seguem sustentando o crescimento do PIB. Em contrapartida, segmentos industriais mais sensíveis ao ciclo econômico, como a construção civil e boa parte das indústrias de transformação, registraram desempenho modesto ou mesmo negativo, com a indústria apresentando queda 2,2%.

As perspectivas para atividade econômica no segundo semestre de 2026 são de desaceleração da atividade econômica, devido à continuidade dos juros, da inflação acima da meta do Banco Central, a incerteza sobre o fim do conflito no Oriente Médio e as medidas protecionistas adotadas pelo governo dos Estados Unidos.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DA BAHIA TEM SAFRA RECORDE EM 2026

Flávio de Jesus Sales
flaviosales@sei.ba.gov.br

A produção brasileira de grãos no ciclo 2025/2026 está estimada em 360,8 milhões de toneladas (t), de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)⁴. O volume representa um crescimento de 2,4% na comparação com a safra anterior. Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)⁵, realizado

⁴ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 11º levantamento. v. 13, n. 11. Disponível em https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-graos/boletim-da-safra-de-graos/11o-levantamento-safra-2025-26/e-book_boletim-de-safras-11o-levantamento_2026.pdf. Acesso em: 13 ago. 2026

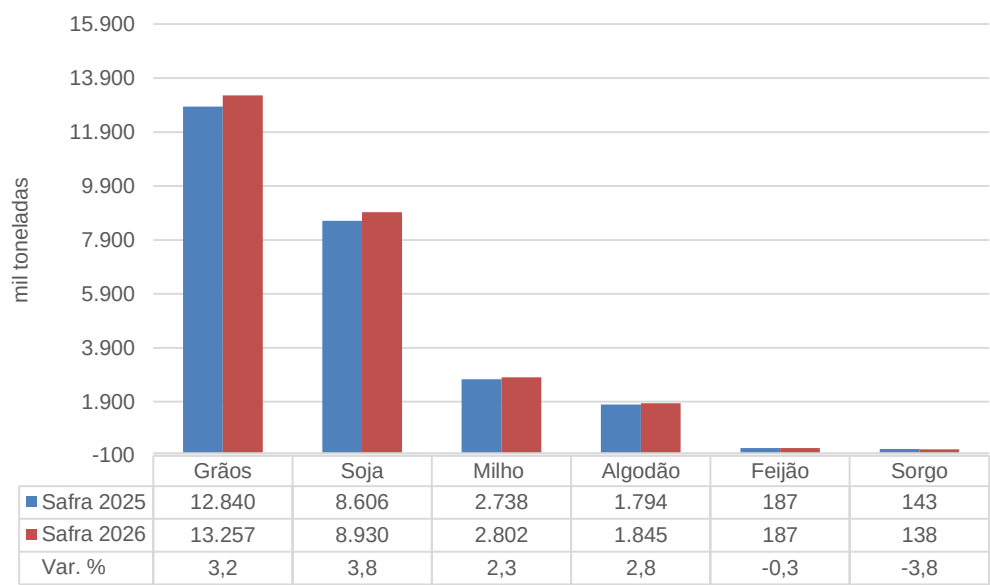
⁵ LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, jul. 2026. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2026_jul.pdf. Acesso em: 13 ago. 2026.

pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estimou uma safra nacional de 353,0 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas⁶. Assim como na Conab, a estimativa também é de crescimento, com produção 2,0% superior à safra obtida em 2025. E área colhida de 83,1 milhões de hectares (ha), 1,8% maior que a área em 2025. A ampliação da área colhida e a maior produtividade dos grãos, favorecidas pelas boas condições climáticas, explicam o crescimento da produção agrícola brasileira na safra 2026, ainda que os preços das commodities estejam em patamares abaixo do desejado pelos produtores.

Na Bahia, tanto o IBGE quanto a Conab estimam uma maior produção de grãos em 2026, beneficiada pelas condições climáticas favoráveis. O LSPA estimou uma produção de cereais, oleaginosas e leguminosas acima de 13,3 milhões de toneladas, o que representa uma expansão de 3,2% na comparação com a safra de 2025, com crescimento nas principais culturas, conforme ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Estimativas da safra de grãos– Bahia –2025/2026

⁶ Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2026).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Nota: valores em mil toneladas e variações anuais nos rótulos em percentuais.

Entre os grãos, a soja permanece como principal destaque, com produção estimada em 8,9 milhões de toneladas, 3,8% acima do observado em 2025. O resultado reflete a ampliação de 35 mil hectares na área plantada, alta de 1,6%, e a expectativa de aumento de 2,1% na produtividade em relação à safra passada, para 4,1 toneladas por hectare.

Segundo a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), a colheita de soja foi finalizada com safra recorde, mesmo diante de adversidades geopolíticas e econômicas, e com níveis expressivos de produtividade. As condições climáticas favoráveis, com bons volumes de precipitação, associadas ao uso racional de tecnologia e insumos no campo, contribuíram para o elevado desempenho produtivo da cultura.

As duas safras anuais de milho, estimadas pelo IBGE, devem alcançar 2,8 milhões de toneladas, o que representa aumento de 2,3% na comparação anual, impulsionado principalmente pelo desempenho da primeira safra. Com relação à área plantada, houve aumento de 5,0% em relação à estimativa das safras do ano anterior.

Para a produção de algodão (caroço e pluma) estima-se uma safra recorde de 1,84 milhão de toneladas, representando um acréscimo de 2,8% em relação a 2025. De

acordo com o IBGE a área plantada com a fibra (410 mil hectares) superou em 2,5% a de 2025. As condições climáticas favoráveis e a recuperação dos preços internacionais sustentaram o bom desempenho das lavouras de algodão.

Por outro lado, em grãos com menor participação na agricultura baiana, como o feijão e o sorgo, as estimativas são de queda na produção.

Na lavoura do feijão, o IBGE estima produção de 187 mil toneladas, volume próximo ao observado na safra de 2025, com leve retração de 0,3%. A área plantada, estimada em 340 mil hectares, recuou 2,9% em relação à observada no ano anterior.

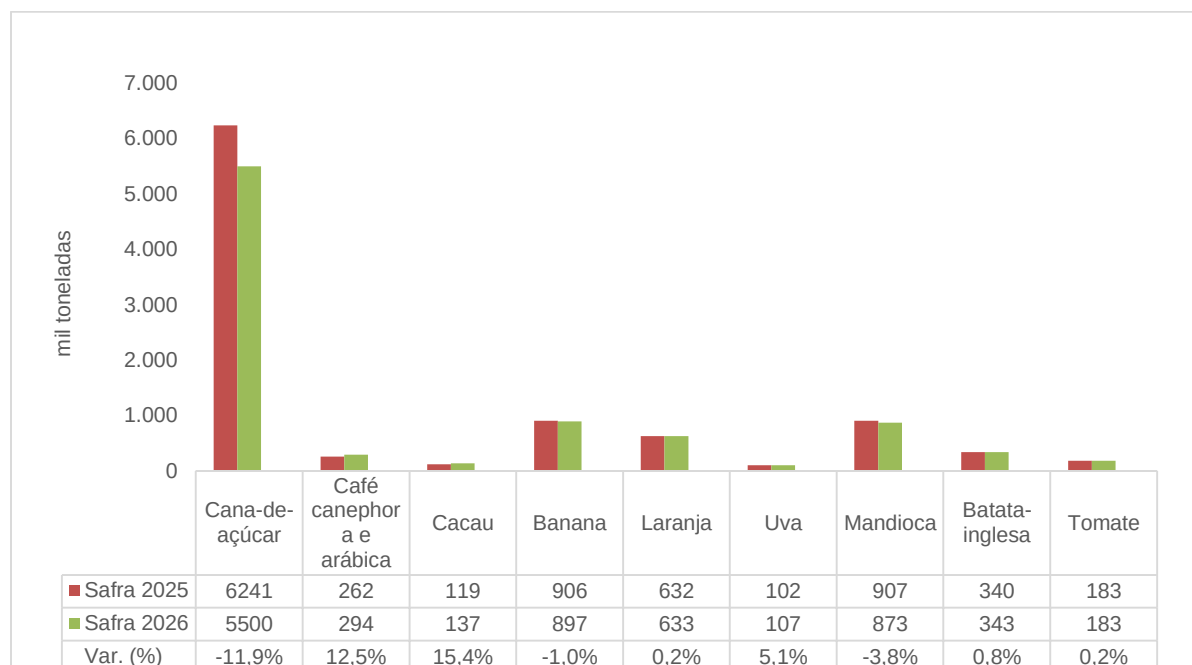
No que concerne ao Acompanhamento da Safra de Grãos pela Conab, no seu 11º levantamento para o ciclo 2025/2026, a produção baiana de grãos está estimada em aproximadamente de 15,0 milhões de toneladas, 7,3% maior que a do ciclo 2024/2025. Para área plantada a estimativa é de ampliação de 3,4% na mesma base de comparação, devendo alcançar área de 4,1 milhões de hectares. Com essas expectativas, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas deve atingir 3,7 toneladas por hectare.

Com relação às demais lavouras permanentes e temporárias analisadas pelo LSPA, a colheita de café está estimada em 294 mil toneladas em 2026, volume 12,5% superior ao observado na safra anterior. A produção do tipo arábica deve alcançar 90 mil toneladas, com crescimento de 1,7%, enquanto a do tipo canéfora é estimada em 204 mil toneladas, avanço de 18,1% frente ao ano anterior.

Para a lavoura cacaueteira, as estimativas apontam uma safra de 137 mil toneladas em 2026, o que representa aumento de 15,4% em relação à safra de 2025. Esse desempenho positivo está associado às condições climáticas favoráveis observadas nas regiões do Baixo Sul e do Litoral Sul do estado, que estimularam os produtores a retomar investimentos nas propriedades, impulsionados também pelos bons preços registrados no ano anterior. No entanto, com a normalização da oferta mundial, as cotações internacionais recuaram, pressionando a rentabilidade dos produtores.

A produção de cana-de-açúcar, por sua vez, está estimada em 5,5 milhões de toneladas, queda de 11,9% em relação à safra 2025.

Gráfico 2 – Variação percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias – Bahia –2025/2026



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2026).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas e variações anuais nos rótulos em percentuais.

Na fruticultura, as produções das lavouras de laranja (633 mil toneladas) e uva (107 mil toneladas) mostram-se positivas, com variações de 0,2% e 5,1%, respectivamente, em relação à safra anterior. Porém, a produção de banana (897 mil toneladas) tem expectativa de redução de 1,0% frente à safra de 2025.

O levantamento do IBGE ainda registra a produção de 873 mil toneladas de mandioca, 3,8% menor que a de 2025. Para produção de batata-inglesa, de 343 mil toneladas está estimado acréscimo de 0,8%, enquanto a do tomate, de 183 mil toneladas, deve manter-se praticamente a mesma de 2025.

Por fim, a possibilidade de El Niño no segundo semestre deste ano, com seu efeito no aumento das temperaturas e redução das chuvas no Norte e Nordeste do país, reforça a perspectiva de efeitos negativos sobre as culturas de segunda safra e a produção

agrícola de 2027. Os primeiros sinais de condições climáticas menos favoráveis já têm sido observados em algumas regiões.

ABATE DE BOVINOS ATINGE RECORDE E PECUÁRIA BAIANA MANTÉM EXPANSÃO

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE, coletadas pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para a Bahia, foram abatidas aproximadamente 390 mil cabeças de bovinos no segundo trimestre de 2026. O volume foi o maior da série histórica e representou crescimento de 0,9% em relação ao mesmo trimestre de 2025.

A composição do abate manteve sinais de liquidação de matrizes observados nos trimestres anteriores. Segundo o IBGE, o aumento expressivo no abate de fêmeas, de 7,6%, combinado ao recuo no abate de machos, de 5,7%, reforça a possibilidade de reversão do ciclo pecuário nos próximos trimestres.

Os suínos abatidos no período somaram 74 mil cabeças e apresentou o segundo avanço consecutivo na comparação interanual, com alta de 4,9%. Os frangos, por sua vez, alcançaram o maior volume da série histórica, com 36 milhões de cabeças abatidas e crescimento de 8,6% em relação ao segundo trimestre de 2025.

Considerando-se os produtos derivados da pecuária, a aquisição de leite alcançou 149 milhões de litros no segundo trimestre de 2026, com queda de 3,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. A produção de ovos de galinha totalizou 23 milhões de dúzias e recuou 1,3%, registrando o terceiro recuo consecutivo na comparação interanual.

QUEDA NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BAIANA NO 1º SEMESTRE

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

Em 2026, o ambiente econômico da indústria está sendo marcado por juros elevados, encarecimento das matérias-primas disponíveis e demanda interna insuficiente. Em junho, o setor voltou a ser pressionado pelas novas tarifas de importação dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que o conflito no Oriente Médio registrou nova escalada de tensões. Diante desse cenário adverso, a produção física da indústria brasileira registrou estabilidade com taxa positiva de 0,3% em relação ao trimestre imediatamente anterior⁷. O resultado, embora positivo, ficou muito abaixo do avanço de 1,4% observado no primeiro trimestre de 2026, indicando nova desaceleração no ritmo de crescimento da produção industrial.

Mesmo com a estabilidade da produção industrial houve avanço da confiança empresarial. O Índice de Confiança da Indústria (ICI/FGV-IBRE) subiu 3,3 pontos entre março de 2026 e junho de 2026, alcançando 100,1 pontos, refletindo o maior escoamento dos estoques sobretudo nos setores de bens intermediários, e a acomodação dos preços do petróleo. Porém, o cenário externo pesa no horizonte da indústria, segundo Stéfano Pacini, da FGV:

Enquanto persistirem as tensões no Oriente Médio, a indústria brasileira seguirá sensível ao preço do petróleo e a possíveis desarranjos nas cadeias de produção. Esse cenário externo dificulta a flexibilização da política monetária, importante para a atividade industrial⁸ (Sondagem da indústria..., 2026)

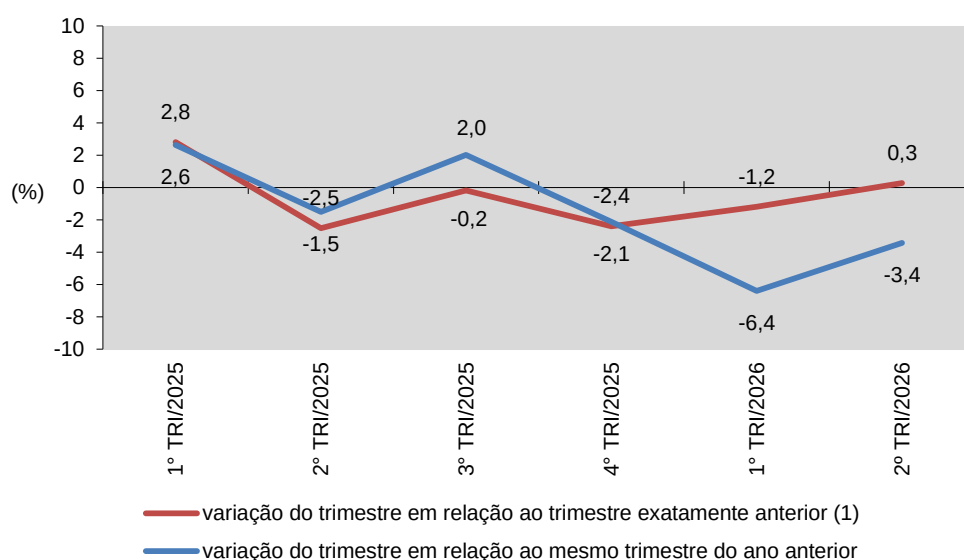
Na Bahia, a produção física industrial ajustada sazonalmente também apresentou estabilidade no segundo trimestre de 2026, com taxa de 0,3%, com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)⁹. O resultado interrompeu a sequência de quatro trimestres consecutivos de queda: -2,5% no 2º trim./25, -0,2% no 3º trim./25, -2,4% no 4º trim./25 e -1,2% no 1º trim./26, conforme observado no Gráfico 1. Mas está longe de configurar um avanço no dinamismo do setor industrial baiano.

Gráfico 1 – Produção física industrial (%) – Bahia –1º trim. 2025-2º trim. 2026

⁷ Na série com ajuste sazonal.

⁸ SONDAGEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, maio. 2025. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files?file=divulgacao/releases/2026-05/Sondagem%20da%20Industria%20FGV_press%20release_Mai26.pdf. Acesso em: 17 ago. 2026.

⁹ PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, jun. 2026. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2026_jun.pdf. Acesso em: 17 ago. 2026.



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2026).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Dados ajustados sazonalmente.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a indústria baiana apresentou alguma recuperação no segundo trimestre de 2026, mas permaneceu em terreno negativo pelo terceiro trimestre consecutivo. A taxa, que havia sido de -2,1% no quarto trimestre de 2025 e de -6,4% no primeiro trimestre de 2026, ficou em -3,4% no segundo trimestre, conforme o Gráfico 1. No mesmo intervalo, a indústria nacional mostrou trajetória mais favorável: saiu de queda de 0,7% no quarto trimestre de 2025 para alta de 1,4% no primeiro trimestre de 2026 e de 2,1% no segundo trimestre.

Na Bahia, entre o primeiro e o segundo trimestre de 2026, persistiram quedas em Produtos de borracha e material plástico (-5,9% para -1,3%), Refino de petróleo (-10,1% para -7,0%), Metalurgia (-9,7% para -5,4%), Couro e calçados (-28,7% para -10,4%) e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-45,5% para -28,4%). Os recuos se intensificaram em Celulose e papel (-2,5% para -4,2%) e Bebidas (-0,8% para -6,7%). Em sentido oposto, avançaram Produtos alimentícios (8,8% para 5,8%), Indústrias extrativas (3,9% para 8,3%) e Produtos de minerais não metálicos (1,0% para 2,5%). Todas as taxas comparam o trimestre ao mesmo período do ano anterior.

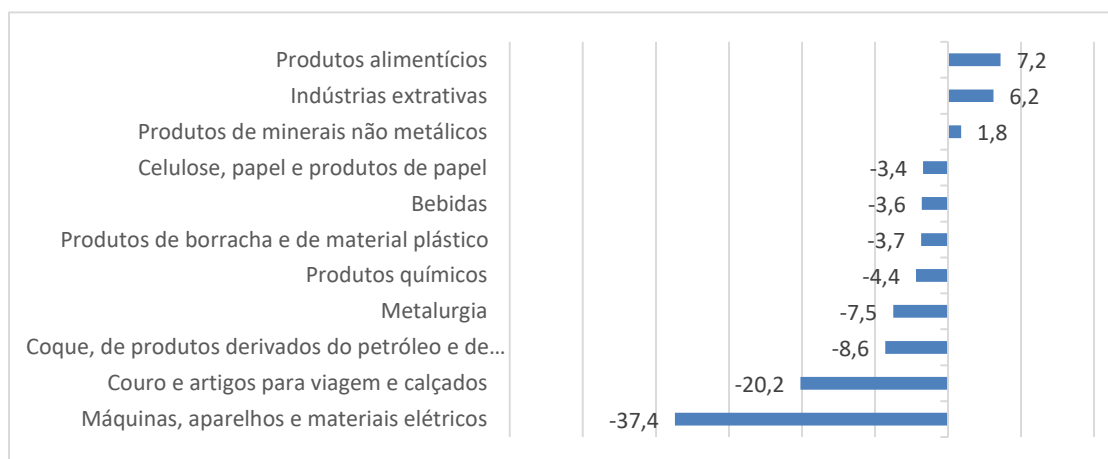
No acumulado do primeiro semestre de 2026, a indústria nacional registrou crescimento de 1,5%. O desempenho foi sustentado, principalmente, pelo maior dinamismo dos segmentos de bens intermediários (2,2%), bens de consumo duráveis

(1,4%) e bens de consumo semi e não duráveis (1,3%). Em sentido oposto, o setor produtor de bens de capital apresentou a única variação negativa no período (-5,4%), influenciado, sobretudo, pela redução na fabricação de bens de capital de uso misto (-16,7%), agrícolas (-17,9%) e destinados a fins industriais (-2,9%).

A indústria baiana, por sua vez, no acumulado de janeiro a junho de 2026, recuou 4,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, resultado associado à queda em oito das 11 atividades pesquisadas, conforme o Gráfico 2. A indústria de transformação exerceu influência negativa, com retração de 5,5% no período. Enquanto a *Indústria extrativa* avançou 6,2%, puxada pela maior produção de gás natural, pedras britadas e óleos brutos de petróleo.

Entre os segmentos de maior peso negativo, destacaram-se *Derivados de petróleo* (-8,6%), influenciado pela menor produção de óleo diesel e gasolina, e *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* (-37,4%), afetado sobretudo pela redução na fabricação de eletrodomésticos.

Gráfico 2 – Produção física da indústria por setores de atividade (%) – Bahia – jan.- jun. 2026



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2026).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: variação percentual acumulada no período em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em *Produtos químicos*, a retração decorreu da menor fabricação de bens químicos de uso industrial e fertilizantes. O segmento seguiu afetado por capacidade ociosa, demanda externa fraca, baixa competitividade frente aos importados e elevado preço interno das principais matérias primas nafta e gás natural.

Em *Couro e calçados*, a queda de 20,2% refletiu, sobretudo, a menor produção de calçados sintéticos. Pesaram sobre o setor a retração do consumo interno, os juros elevados, os efeitos da elevação das taxas de importação para os EUA e o aumento das importações. Na Bahia, as exportações do segmento recuaram 26,5% em volume e 27,6% em valor, enquanto as importações de calçados cresceram 39,3%¹⁰.

A *Metalurgia* recuou 7,5%, principalmente pela menor produção de ferroligas. Porém, no comércio externo, o setor registrou alta de 25,1% no valor exportado, com aumento de 18,5% nos preços médios e de 5,6% no volume vendido, destacando-se o ferrosilício.

O segmento de *Produtos de borracha e material plástico*, com recuo de 3,7% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente, pela redução na produção de pneus e embalagens plásticas.

Celulose e papel caíram 3,4%, em razão da menor produção de celulose. O resultado refletiu parada programada para manutenção, sazonalidade de início de ano e valorização do real, que reduziu receitas de exportação, embora os preços internacionais da celulose tenham permanecido estáveis.

A indústria de *Bebidas* recuou 3,6% no período, impactada pela menor produção de cervejas/chopes e águas minerais.

A principal contribuição positiva veio de *Produtos alimentícios*, que cresceu 7,2%, impulsionada pelo maior processamento de leite em pó, cacau ou chocolate em pó, carnes e miudezas de aves congeladas, resíduos da extração de soja e óleo de soja refinado. E a produção de minerais não metálicos que avançou 1,8% refletiu a maior fabricação insumos para o setor da construção.

Em síntese, a indústria baiana no primeiro semestre de 2026 teve um desempenho desfavorável sob pressão de fatores externos e domésticos. A volatilidade do petróleo, os juros elevados, a perda de competitividade e as incertezas evidenciadas pelo

¹⁰ DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, 2026. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sei/sites/site-sei/files/2026-07/bce_junho_2026_acumulado.pdf. Acesso em: 17 ago. 2026.

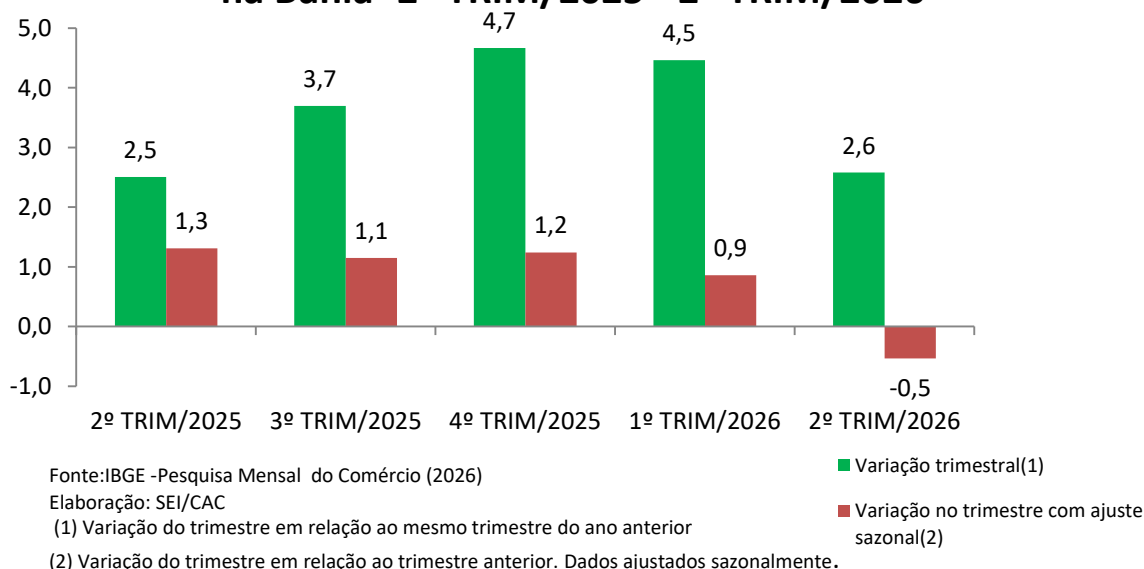
ambiente econômico externo tendem a limitar investimentos, produção e emprego, tornando incerto o desempenho do setor no segundo semestre.

NA BAHIA, VENDAS TRIMESTRAIS DO VAREJO ACOMPANHAM COMPORTAMENTO DO SEMESTRE

Elissandra Alves de Britto
elissandra@sei.ba.gov.br

As vendas do comércio varejista na Bahia cresceram 2,6% no segundo trimestre de 2026 comparado a igual período de 2025. Entretanto, a dinâmica das vendas ditada pela influência dos juros, endividamento das famílias sobrepondo ao emprego, renda e alívio dos preços, impactaram o comportamento no sazonal, levando o setor a registrar a taxa de -0,5% (Gráfico 1).

**Gráfico 1 - Volume de vendas do comércio varejista
na Bahia- 2º TRIM/2025 - 2º TRIM/2026**



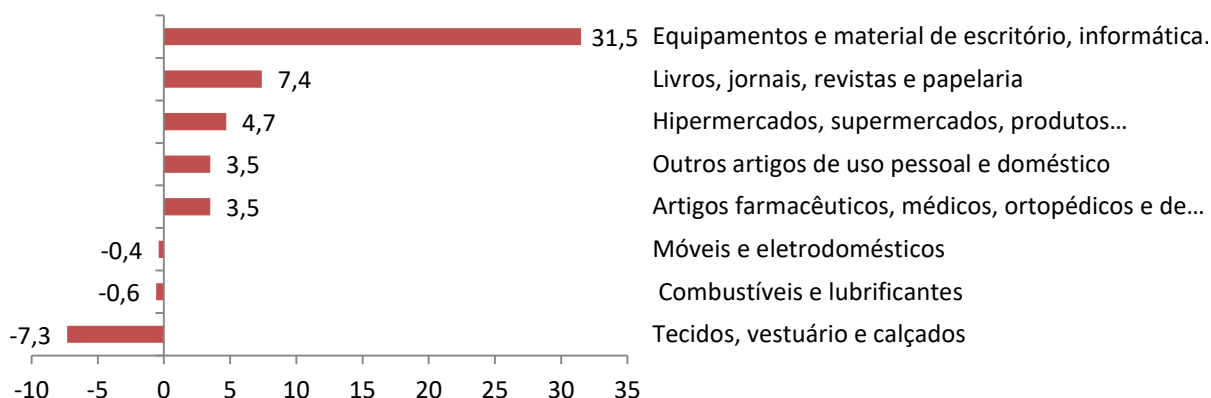
A retração observada no trimestre em análise comparado ao período imediatamente anterior se deve a ocorrência de eventos comemorativos como São João, Copa do Mundo, Dia dos Namorados, Dias das Mães e Semana Santa em contrapartida a um período de redução natural do consumo e comprometimento da renda familiar no início do ano, com pagamento de impostos (IPVA, IPTU), matrículas escolares, compra de material escolar, entre outros.

Na análise interanual, o comportamento do setor no segundo trimestre de 2026 estar relacionado aos festejos juninos, conjugados com a realização da Copa do Mundo e pela sustentação da renda e do emprego.

Por atividade, os dados do segundo trimestre revelaram que cinco dos oito segmentos que compõem o indicador do volume de vendas registraram comportamento positivo. As maiores expansões nas vendas foram verificadas nos segmentos de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (31,5%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (7,4%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (4,7%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (3,5%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (3,5%). *Móveis e eletrodomésticos* (-0,4%), *Combustíveis e lubrificantes* (-0,6%), e *Tecidos, vestuário e calçados* (-7,3%) registraram taxas negativas (Gráfico 2).

Gráfico 2

Volume de vendas das atividades do comércio varejista* - Bahia - 2º TRIM/2026



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2025)
Elaboração SEI/CAC

■ 2º TRIM/2026

Quando observado o comportamento dessas atividades, verifica-se que o segundo trimestre de 2026 revelou uma trajetória bastante heterogênea entre os segmentos do varejo baiano, com alternância entre taxas positivas e negativas na comparação interanual, a exemplo de *Tecidos, vestuário e calçados*, *Livros, jornais, revistas e papelaria* e *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação*.

O segmento de *Tecidos, vestuário e calçados* apresentou desempenho desfavorável no trimestre, consequência de repetidos resultados negativos. Nem mesmos os

festejos juninos foram suficientes para alterar a trajetória negativa dessa atividade, que registra retração desde junho/2025 (-2,3%). Esse comportamento sugere maior fragilidade no consumo de artigos de vestuário e calçados, segmento particularmente sensível às condições de renda, crédito e confiança dos consumidores.

O segmento de *Livros, jornais, revistas e papelaria* registrou comportamento positivo no segundo trimestre de 2026, em contraste com o resultado observado em igual período de 2025 (-27,8%). O desempenho do trimestre chama atenção por se tratar de uma atividade que vem apresentando resultados negativos recorrentes no varejo baiano, em sentido contrário ao observado no cenário nacional, o que sugere uma dinâmica específica do mercado na Bahia.

Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação foi o grande destaque positivo entre os segmentos analisados. Após crescimento em abril (21,0%) e retração em maio (-12,6%), o segmento apresentou uma expansão surpreendente de 98,0% em junho, comparado a junho de 2025, fato que contribuiu para o resultado positivo do trimestre (31,5%). Entretanto, a magnitude dessa taxa deve ser analisada com cuidado, pois ela pode estar associada não apenas ao aumento corrente das vendas, mas também a efeitos base de comparação, alterações no ritmo de comercialização e movimentos específicos da atividade.

Assim, diante do comportamento das atividades que compõe o varejo houve no trimestre em relação a igual período do ano passado expansão nas vendas, resultante da combinação de fatores positivos que sobrepôs aos aspectos negativos. Dessa forma, as vendas do setor foram favorecidas pelo mercado de trabalho aquecido e pelo aumento da massa salarial, embora juros elevados e endividamento das famílias continuem a limitar a expansão do consumo.

No que diz respeito a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC)¹¹, elaborada mensalmente pela Fecomércio BA, verifica-se que em junho/2026 houve avanço no endividamento das famílias em Salvador em 77,3% ante 76,4% no

¹¹ Ver a respeito Fecomércio BA. PEIC|JUNHO 2026. Endividamento em Salvador chega a 77,3% das famílias, maior nível em mais de 15 anos, avalia Fecomércio Ba. Disponível em: <https://fecomercioba.com.br/central-conhecimento/peic-junho-2026/> Acesso em: 28 ago. 2026.

mês de maio, maior nível registrado desde o início da série, em 2010 (86,0%). O que significa que atualmente são 787,7 mil famílias com algum tipo de dívida em Salvador, um crescimento de aproximadamente 9,8 mil em relação ao mês anterior. No comparativo anual, o percentual de endividamento atingiu quase 145 mil em relação a junho de 2025 (68,2%). Já para inadimplência, a pesquisa sinaliza leve alta após seis quedas consecutivas, quando saiu de um patamar de 22,2% em maio para 22,5% em junho.

No comércio varejista ampliado que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motocicleta, partes e peças, Materiais de construção, e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* a expansão no segundo trimestre foi de 5,1%, em relação a igual período do ano anterior.

Quanto às atividades que compõem o varejo ampliado, observa-se que *Veículos, motocicleta, partes e peças* muda a trajetória apresentada no primeiro trimestre de 2026 (-2,3%) ao registrar a taxa de 6,9% em relação a igual período de 2025. Já *Materiais de construção* registra estabilidade (-0,2%), enquanto *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* teve suas vendas impulsionadas em 19,3%, muito em função do comportamento dos preços.

Na ótica do acumulado do ano, o crescimento do varejo restrito na Bahia foi positivo em 3,5%, impulsionado pelo segmento de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* que apresentou crescimento de 4,5% nos primeiros seis meses do ano. Segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista teve seu comportamento influenciado pela menor pressão dos preços dos alimentos verificada no período, mas também a demanda resiliente por bens essenciais e aos efeitos sazonais associados às datas comemorativas e aos festejos do período.

No varejo ampliado a expansão nas vendas se manteve com a taxa de 5,2% no semestre. Proveniente ao comportamento dos segmentos que o compõe, além do varejo restrito, como *Veículos, motocicleta, partes e peças* (2,2%), *Materiais de construção* (1,0%) e *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* (20,1%). Enquanto, os dois primeiros segmentos sentiram os efeitos das elevadas taxas juros resultando em tímidos crescimentos nas suas vendas, os últimos foram

influenciados pela expansão dos canais atacarejistas, já que a realização de compras em unidades atacadistas ao invés do varejo tem sido uma prática dos consumidores, na tentativa de buscarem produtos com preços mais atraentes.

Nesse aspecto, os dados apresentados pela pesquisa sobre comércio varejista no segundo trimestre de 2026, bem como no semestre, apesar de positivos, devem ser vistos com cautela, pois a manutenção da trajetória dos juros elevados, impactando nos níveis de endividamento e inadimplência podem comprometer a dinâmica do setor nos próximos trimestres. Além do que a continuidade dos conflitos geopolíticos podem continuar prejudicar as relações comerciais do país com o resto do mundo, vindo a impactar a sua atividade e a dos seus Estados. Nesse aspecto, a expectativa para o comportamento do varejo baiano no terceiro trimestre de 2026 é de taxas de crescimento moderado.

SERVIÇOS: REDUZIU A TENDÊNCIA DE DESACELERAÇÃO

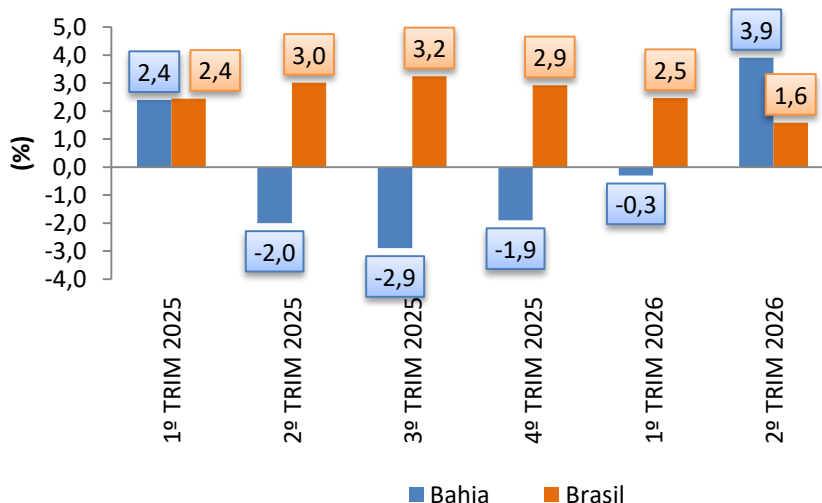
Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

O setor de serviços após apresentar quatro taxas consecutivas negativas e abaixo da média nacional, voltou a crescer no segundo trimestre de 2026. Com esse, resultado o estado reduziu a tendência de desaceleração reforçando o papel central

das atividades empresariais e intensivas em conhecimento na estrutura produtiva do Estado.

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 2º trimestre do ano anterior, marcou expansão de 3,9%, invertendo a desaceleração iniciada no 2º trimestre de 2025 (-2,0%), resultado superior ao observado na média nacional, que registrou ampliação de 1,6%. O desempenho baiano também representou tendência de recuperação em relação ao final de 2025, saindo de uma retração de 2,9% para 1,9% (Gráfico 1).

Gráfico 1
Taxa de crescimento do volume de serviços (1)
Brasil e Bahia — 1º trim. 2025-2º trim. 2026



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

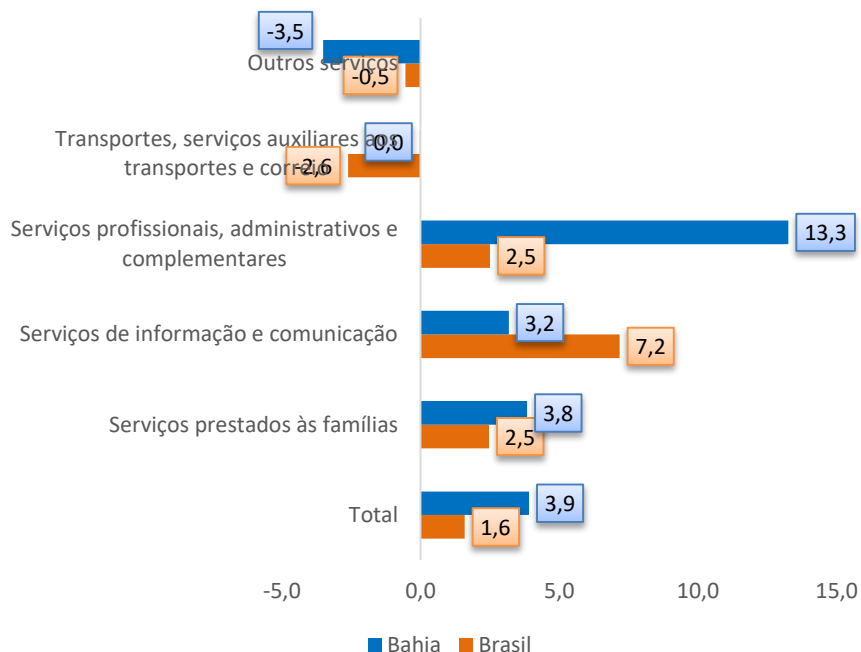
(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

O gráfico 2 mostra que três das cinco atividades de serviços apresentaram expansão, sendo duas com desempenho superior ao da média nacional. O desempenho de curto prazo do setor de serviços baiano com resultados acima da média Brasil concentrou-se nos serviços profissionais, administrativos e complementares (13,3% contra 2,5%); e nos serviços prestados às famílias (3,8% contra 2,5%). Já os serviços de informação e comunicação (3,2% contra 7,2%), foi a atividade que também cresceu, mas ficou

abaixo da média nacional. Diferentemente de outros serviços que recuaram (-3,5% contra -0,5%). Contudo, os serviços de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (0,0% contra 2,6%) ficaram estáveis.

Gráfico 2

Taxa de crescimento do volume de serviços, por atividade (1)
Brasil e Bahia — 2º trim. 2026/2º trim. 2025



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

A dinâmica dos serviços confirma que a recuperação do setor no segundo trimestre de 2026, saiu de outros serviços que registrou 7,6% no segundo trimestre de 2025, para às atividades empresariais de serviços profissionais, administrativos e complementares (13,3%) em 2026. Essa característica diferencia a Bahia da média nacional e ajuda a explicar o porquê do Estado conseguir apresentar desempenho melhor em um contexto ainda marcado pelos juros elevados, restrição de crédito, e eleições. Com isso, a perspectiva para o próximo trimestre é de uma manutenção da taxa de crescimento do volume de serviços, pois as pesquisas de sondagens empresariais, até o momento divulgadas apontam para essa direção.

TURISMO: PRINCIPAL SUSTENTÁCULO DO SETOR DE SERVIÇO NA

ECONOMIA BAIANA

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

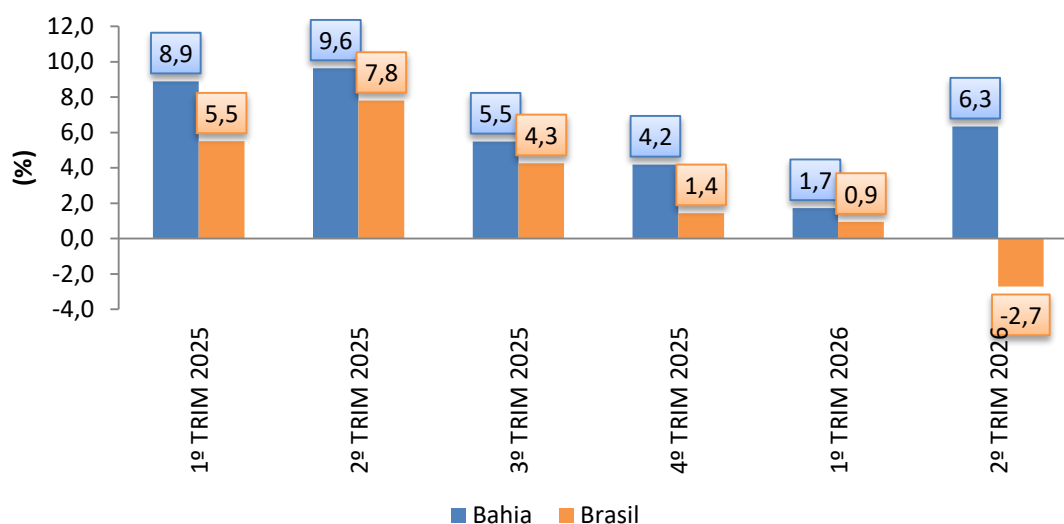
As atividades turísticas permaneceram como o principal sustentáculo do setor de serviço na economia baiana no segundo trimestre de 2026. O setor continuou apresentando desempenho superior ao da média nacional. Com esse, resultado o estado manteve a tendência de aceleração reforçando o papel central das atividades empresariais e intensivas em conhecimento na estrutura produtiva do Estado.

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas¹² na Bahia, quando comparado com o 2º trimestre do ano anterior, marcou expansão de 6,3%, com resultado superior ao observado na média nacional, que registrou retração de 2,7%. O desempenho baiano também representou tendência de ampliação (9,6%) no 2º trimestre de 2025, contra 2024, com resultado superior ao observado na média nacional, que registrou expansão de 7,8% (Gráfico 1).

Gráfico 1

Taxa de crescimento do volume das atividades turísticas (1)
Brasil e Bahia — 1º trim. 2025-2º trim. 2026

¹² Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

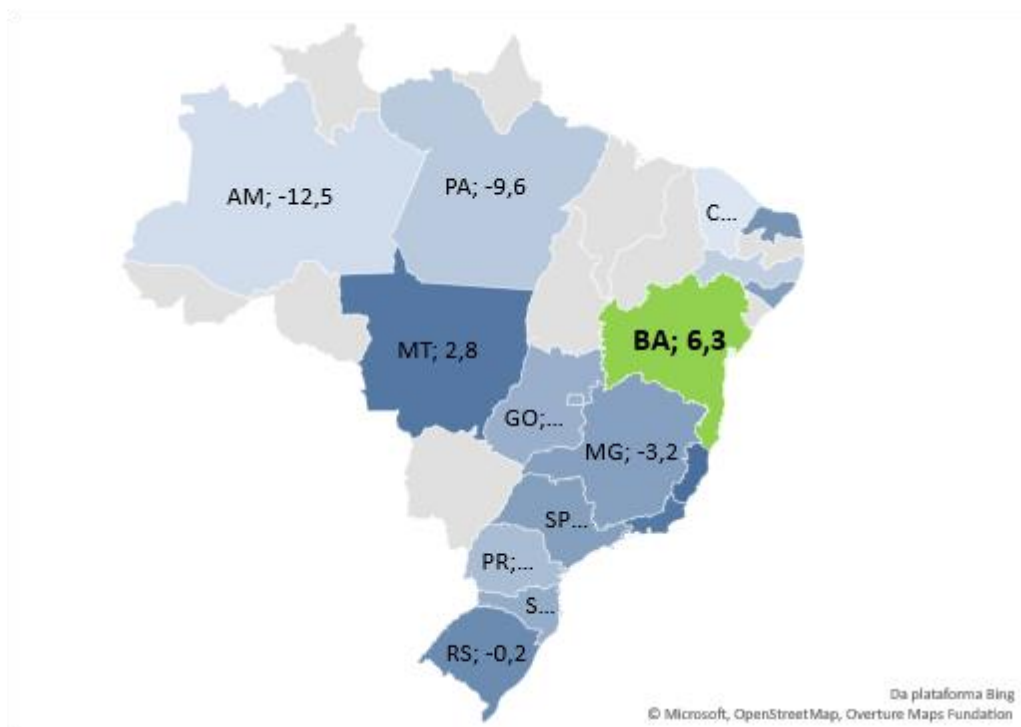
(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Regionalmente, 14 dos 17 locais pesquisados mostraram recuo nos serviços voltados ao turismo. Destacaram-se as quedas vindas do Ceará (-13,8%), Amazonas (-12,5%) e Pernambuco (-10,4%). Em sentido oposto, Bahia (6,3%), Espírito Santo (3,9%) e Mato Grosso (2,8%) foram as principais contribuições positivas. Nessa comparação, a Bahia cresceu 6,3% e manteve a expansão (9,6%) contabilizada no 2º trimestre de 2025. O estado registrou a primeira posição entre os locais investigados que cresceram, superando a média nacional (Figura 1).

Figura 1

Volume das atividades turísticas (1)

Bahia — 2º Trim. 2026/2º Trim. 2025



Fonte: IBGE.

Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

A dinâmica do turismo baiano confirma que a manutenção do crescimento do setor no segundo trimestre de 2026, ocupando a primeira posição entre as unidades investigadas, contribuiu fortemente para amenizar a queda registrada pelo setor no cenário nacional. Essa característica diferencia a Bahia da média nacional e ajuda a explicar por que o Estado conseguiu apresentar desempenho melhor em um contexto ainda marcado pelos juros elevados, restrição de crédito, e incertezas associadas ao período eleitoral.

Com isso, a perspectiva para o próximo trimestre é de uma manutenção da taxa de crescimento do volume, pois as pesquisas de sondagens empresariais, até o momento divulgadas apontam para essa direção. Vale ressaltar, que é um período intenso de grandes eventos, tais como: o tradicional Desfile da Independência do Brasil na Bahia, o Festival de Chocolate, as celebrações a Santa Dulce dos Pobres, a romaria de Bom Jesus da Lapa, a Novena de Santa Luzia, a Festa de Santa Bárbara, a novena em honra a Nossa Senhora da Conceição da Praia, a Festa do Bom Jesus dos Navegantes, entre outras.

EFEITO PREÇO GARANTE DESEMPENHO POSITIVO PARA AS EXPORTAÇÕES BAIANAS

Arthur Souza Cruz Júnior
 Flávio de Jesus Sales
 Felipe Soares Sepúlveda
 arthursouza@sei.ba.gov.br
 flaviosales@sei.ba.gov.br
 felipesepulveda@sei.ba.gov.br

No primeiro semestre, as exportações baianas cresceram 7% no comparativo semestral interanual, atingindo US\$ 5,95¹³ bilhões, impulsionadas pelo fator preço (alta de 10%), no mesmo comparativo, já que os embarques físicos (*quantum*) recuaram 2,7% no período.

Tabela 1 - Balança comercial
Bahia
Jan./ Junho - 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %
Exportações	5.562.292	5.953.004	7,02
Importações	4.533.819	5.751.445	26,86
Saldo	1.028.473	201.559	-80,40
Corrente de comércio	10.096.111	11.704.449	15,93

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/07/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: Dados preliminares.

Nos seis primeiros meses do ano houve alta nas receitas de todos os setores, com destaque para a indústria extrativa, com aumento de 34,7% puxado por alta de 54% nas vendas de ouro, cujo preço médio teve valorização de 51,5% no comparativo interanual, impulsionado por tensões geopolíticas, incertezas econômicas e forte compra por bancos centrais. Também tiveram aumentos as vendas do setor agropecuário em 9% (soja e algodão) e na indústria de transformação em 3,5% (químicos e produtos metalúrgicos). A redução do volume embarcado no semestre chegou a 2,7%, puxado pelo refino e pela celulose. Em relação ao refino a queda foi reflexo de paradas para manutenção e da taxaço das exportações de petróleo e derivados em 12% implementada pelo governo em março, para estimular a permanência do produto no mercado interno em meio ao conflito militar no Oriente Médio. O preço médio do segmento de petróleo e derivados, na comparação interanual, cresceu 15,2%. Apesar da valorização do produto, prevaleceu a

¹³ Dados provisórios, sujeito a retificação

redução na produção. A queda nos embarques em 13,5% influenciou a receita, que recuou levemente em 0,3%.

Tabela 2 - Exportações baianas
Principais segmentos
Jan./ Junho - 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2025	2026		2025	2026			
Soja e Derivados	2.915.467	3.256.979	11,71	1.111.732	1.309.972	17,83	22,01	5,48
Petróleo e Derivados	2.104.312	1.821.088	-13,46	1.077.009	1.073.493	-0,33	18,03	15,18
Metais Preciosos	326	468	43,81	461.121	699.339	51,66	11,75	5,46
Papel e Celulose	1.566.113	1.437.512	-8,21	694.341	639.540	-7,89	10,74	0,35
Algodão e Seus Subprodutos	248.816	304.146	22,24	398.676	460.924	15,61	7,74	-5,42
Minerais	462.833	305.757	-33,94	306.420	412.593	34,65	6,93	103,82
Químicos e Petroquímicos	275.989	303.281	9,89	346.694	403.907	16,50	6,78	6,02
Café e especiarias	52.251	38.208	-26,88	318.330	205.311	-35,50	3,45	-11,80
Cacau e Derivados	26.285	23.063	-12,26	304.133	186.180	-38,78	3,13	-30,23
Metalúrgicos	90.372	95.402	5,57	114.324	143.033	25,11	2,40	18,51
Frutas e Suas Preparações	72.620	78.457	8,04	87.467	94.199	7,70	1,58	-0,31
Demais Segmentos	227.307	162.762	-28,40	342.046	324.512	-5,13	5,45	32,50
Total	8.042.690	7.827.124	-2,68	5.562.292	5.953.004	7,02	100,00	9,97

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/07/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>

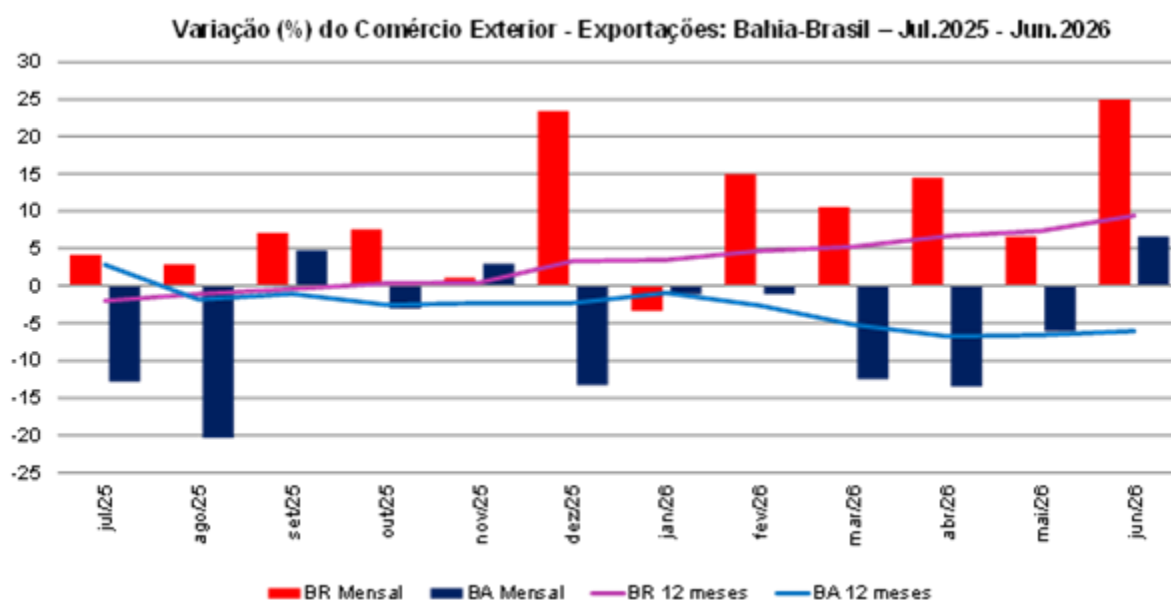
Elaboração: SE – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Em relação ao principal destino dos produtos, as exportações baianas para China subiram 25,4% no semestre, em relação ao mesmo período do ano anterior. No entanto, as vendas totais para a Ásia caíram 4,5%, resultado de menores vendas para Singapura, Vietnã, Paquistão, Indonésia e Japão.

Já para os Estados Unidos, as exportações permaneceram no vermelho com queda de 15,2% no semestre, perante o mesmo período de 2025, refletindo a expectativa da volta das tarifas. As novas sobretaxas impostas pelos Estados Unidos a produtos baianos e brasileiros que de fato ocorreram, podem chegar à taxa extra de 37,5%, atingindo 55,8% da pauta do estado ao país, o equivalente a US\$ 208,4 milhões do total exportado pelo estado no período.

Considerando o primeiro semestre de 2026, o setor na Bahia mais afetado com o tarifaço foi o químico, seguido pelos derivados de petróleo, papel e celulose e de pneumáticos, todos com maior valor agregado e maior participação na pauta ao país (46,4% do total das vendas da Bahia ao país no primeiro semestre do ano).

No segundo trimestre de 2026, comparado com igual período do ano anterior, o desempenho dos setores exportadores evidenciou crescimento de US\$ 223,8 milhões (24,6%) em Agropecuária; US\$ 60,8 milhões (38,6%) em Indústria Extrativa e de US\$ 6,1 milhões (0,4%) em produtos da Indústria de Transformação.



Os preços médios de exportação como um todo cresceram 3,3% no trimestre, boa parte, impulsionada pelas cotações do petróleo no mercado internacional ter subido no período, com a eclosão da guerra no Oriente Médio. Mas, ainda assim, a receita de derivados de petróleo teve queda no período US\$ 64,2 milhões no período (-14,3%) causado pela redução do volume de embarques em 42,6% ou o equivalente a 395,2 mil toneladas.

A soja liderou a pauta no trimestre com vendas de US\$ 754,2 milhões e crescimento de 35,6% sobre igual período de 2025. Com o desempenho, a commodity avançou de 20% para 26,2% na participação do valor exportado, em igual período. A safra recorde colhida de soja em torno de 9 milhões de toneladas e com a maior produtividade (4.100 kg/ha, um crescimento de 2,1% sobre o ano anterior), impulsionou o desempenho das vendas externas do setor.

O ouro foi o segundo item exportado pela Bahia no período, no valor total de US\$ 338,5 milhões, alta de 39,6% ante igual período de 2025 e responsável por 11,8% da

receita total de exportação do estado no segundo trimestre. A aceleração dos preços do metal, nessa intensidade, como foi o caso do preço de todas as commodities metálicas, não acontece sem uma razão estrutural. Esse movimento é influenciado pela transição energética global, pela demanda chinesa por insumos industriais e pelo conflito no Oriente Médio, que criou rupturas de cadeias. Também é possível um aumento de preços provocado pela demanda vinda de inteligência artificial (IA).

Nos destinos de exportação, houve o avanço no trimestre do valor das vendas totais para a China em 11,6%, para o Canadá, com crescimento de 39,5% e para União Europeia em 37,6%. Já para os Estados Unidos e Argentina, houve queda de 7,8% e 21,4%, respectivamente, sempre no comparativo trimestral interanual.

IMPORTAÇÃO

Do lado das importações, o crescimento também reflete maior atividade econômica. As importações cresceram no semestre quase quatro vezes mais que as exportações, atingindo US\$ 5,75 bilhões, ou 26,9% acima de igual período de 2025. Muito desse aumento foi puxado pelo aumento nas compras de bens de consumo em 1.479%, impulsionado pelo forte impacto do desembarque mais acelerado dos veículos eletrificados chineses.

Mas também houve ainda crescimento de 22,7% de bens de capital (máquinas e equipamentos) o que pode ser traduzido em maior investimento tanto público (infraestrutura), como privado (instalação de novos empreendimentos, e/ou aumento e modernização de capacidade). Também cresceu as compras de combustíveis em 14,1%. Os bens intermediários por sua vez, registraram queda de 10% no semestre (cacau em grão, trigo, borracha).

No segundo trimestre, as compras externas do estado continuaram em alta, acusando crescimento de 45,3% no comparativo trimestral interanual, motivado pela intensificação das compras de carros elétricos chineses, do nível da atividade econômica, que tem apresentado resiliência, e pelo aumento dos preços internacionais.

O que mudou?

Com as turbulências no cenário internacional criadas a partir das expectativas quanto ao tarifaço dos EUA aplicados ao Brasil, agravados desde março pela guerra no Oriente Médio, as exportações baianas no segundo trimestre de 2026, permaneceram em crescimento, embora em menor ritmo que no primeiro.

Os preços médios deram essa sustentação, que embora positivos em 3,4%, ficaram bem abaixo da elevação registrada no primeiro trimestre que alcançou 16,6%. Para compensar essa redução na variação positiva nos preços, as vendas externas tiveram no quantum uma melhora, saindo de uma redução de 5,1% no primeiro trimestre para um leve aumento de 0,08% no segundo tri, o que ajudou a manter o desempenho positivo, apesar da redução do nível de aumento nos preços.

Portanto, na passagem do primeiro trimestre para o segundo trimestre de 2026, as exportações baianas reduziram a trajetória de crescimento das receitas, devido a uma maior desaceleração dos preços, principalmente de commodities, embora tenha melhorado o ritmo de embarques físicos, impulsionadas pelo pico da safra do agronegócio e recordes históricos de embarques de metais preciosos (ouro) que passou a ocupar a terceira posição do ranking, na esteira da valorização do produto. O metal - visto como porto seguro em um cenário de aumento das incertezas - atingiu recordes históricos em 2026, ultrapassando US\$ 5.000 por onça troy, impulsionado por tensões geopolíticas, incertezas econômicas e forte compra por bancos centrais.

BAHIA MANTÉM FINANÇAS PÚBLICAS SOB LIMITES DA LRF

Gabriel Oliveira Barbosa
gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br

O cenário das finanças públicas baianas segue positivo. Essa afirmação inicial se sustenta em dois pilares: O primeiro deles é a continuidade do cumprimento, por parte da administração do estado, dos limites impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Tanto em relação às despesas com pessoal, quanto aos níveis de endividamento líquido, a Bahia segue com números confortavelmente abaixo do limite permitido por lei. O segundo é o fato que, apesar de apresentar um sólido crescimento nas despesas – o que é esperado devido ao ciclo eleitoral –, ele é mais que compensado pelo crescimento da arrecadação, resultando, no acumulado até junho, num superávit nominal de R\$ 143.933.737,45 acima da linha. A variação negativa da dívida consolidada líquida significou por sua vez um superávit nominal abaixo da linha de R\$ 31.070.368,51.

Trimestre – despesas em alta, receitas ainda mais

Ao analisarmos o comportamento do segundo trimestre, percebemos que houve forte crescimento – em relação ao mesmo período do ano anterior – real (+29,45%) nas receitas do estado. O movimento de alta foi verificado tanto nas receitas correntes (+23,44%) quanto nas receitas de capital (+82,71%). As deduções também apresentaram alta (+15,85%), compensando parcialmente o comportamento.

A dinâmica dos impostos que compõem o FPE (IPI e IR) influenciou decisivamente a arrecadação com transferências correntes (+38,66%), mas não foi a única. Na comparação entre os segundos trimestres deste ano e do ano anterior, todas as transferências da União apresentaram alta, como se pode ver na tabela abaixo. Deduções já estão contabilizadas nos valores abaixo.

Tabela 1 – Transferências da União ao estado da Bahia – valores correntes – 2º trimestre de 2025 vs. 2º trimestre de 2026

Transferência	2025	2026
	2º trimestre	2º trimestre
CIDE / Combustíveis	10.377.842,40	10.694.896,73
FPE	4.031.470.706,99	4.360.290.282,33
FUNDEB (inclui ajuste)	1.441.394.821,73	1.510.660.283,50
IOF-Ouro	-	-
LC 176/2020 (ADO25)	30.224.853,27	34.623.152,07
IPI-Exportação	60.470.540,05	64.056.153,95
Royalties	89.202.709,93	107.388.586,04

Fonte: Elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional.

Pode ser observado crescimento acima da inflação (lembrando que a tabela acima revela valores correntes) das participações em royalties (+20,39% nominal) e das verbas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, o Fundeb (+4,81% nominal), além do próprio FPE (+8,16% nominal).

A receita tributária do segundo trimestre deste ano é 15,89% maior - em termos reais - que a do mesmo período do ano anterior. Curiosamente, essa é a mesma taxa de crescimento do ICMS, sua componente maior e mais importante. Os impostos de patrimônio e taxas também exibiram bom crescimento. O comportamento da receita tributária – a menos de uma mudança de política tarifária, que não foi o presente caso - sempre reflete o comportamento da economia. Mais adiante veremos o comportamento da arrecadação de ICMS mais detalhada em setores. Seguimos, por ora, com o detalhamento das receitas de capital.

Apesar das Operações de Crédito no Mercado Externo se apresentarem zeradas no trimestre, as Operações de Crédito no Mercado Interno, assim como as Transferências de Capital Recebidas, mais que dobraram (+112,36% e +101,54%, respectivamente). As demais rubricas que compõem a receita de capital, no agregado, sofreram queda de 50,24%. Observamos uma continuidade de estratégia calcada no endividamento (embora com mudança de composição nos últimos trimestres, de externo para interno) que, por ora, tem alavancado as despesas – cujos dados vê-se adiante – sem comprometer o cumprimento da LRF, como destacamos anteriormente.

A despesa apresentou crescimento real sólido (+6,03%), embora consideravelmente menor que o da receita, como visto no início do texto. Os destaques deste trimestre, na comparação com o mesmo período de 2025, ficam, do lado das variações positivas, por conta dos Juros e Encargos da Dívida (+11,59%), dos Investimentos (+40,28%) e, do lado das variações negativas, por conta das Inversões Financeiras (-56,19%). As despesas com Pessoal e Encargos Sociais cresceram 3,90%, as com Amortização da Dívida cresceram 6,04% e as Outras Despesas Correntes cresceram 5,98%.

O aumento da despesa com juros (bem como das despesas com amortização) é reflexo direto do aumento do endividamento. Há algum tempo, aproveitando-se de uma condição bastante favorável de endividamento líquido, bem como do crescimento sustentado da Receita Corrente Líquida, o governo tem lançado mão desta estratégia para alavancar despesas. A queda das inversões financeiras já havia sido verificada no trimestre anterior. Este trimestre, ela foi concomitante ao crescimento dos investimentos. Em diversos meses do ano passado, aconteceu o oposto: inversões financeiras em alta, investimentos em baixa.

O aumento pronunciado dos investimentos foi puxado pelas funções Saúde (+R\$ 279,4 milhões / +281,79%), Urbanismo (+R\$ 177,0 milhões / +57,15%), Educação (+ R\$158,1 milhões / +43,83%) e Segurança Pública (+ R\$60,2 milhões / +350,1%). De menor orçamento, mas apresentando a maior variação real positiva entre todas as funções, os investimentos em Assistência Social cresceram R\$ 8,2 milhões, ou 938,69%. A maior variação negativa ficou por conta da função transporte, que caiu R\$ 117,3 milhões (-26,7%). Importante levar em conta que o grupo Investimento costuma ser dos mais voláteis, por ser bastante influenciado por ciclos - não só econômicos como de natureza técnica e específica de cada função como safras, depreciação, calendários, entre outros. Ainda assim, a subida do investimento chama atenção pela sua magnitude.

Panorama do semestre – forte alta do investimento

Os dados semestrais mostram com mais clareza quais dados trimestrais representam compensações de resultados atípicos do primeiro trimestre e quais são de fato comportamentos mais consolidados no ano.

As receitas e despesas, na comparação do primeiro semestre de 2026 com o mesmo período do ano anterior, demonstraram variações reais um tanto próximas. As primeiras cresceram R\$ 3,9 bilhões (+4,94%), enquanto as últimas cresceram R\$ 3,5 bilhões (+5,03%).

Na mesma comparação, a arrecadação tributária aumentou R\$ 649,0 milhões, o que significa queda real de 0,64%. Ou seja, o bom desempenho do ICMS no segundo trimestre não conseguiu compensar o mau resultado dos primeiros meses. O comportamento das transferências correntes tem sido mais consistente, exibindo crescimento contínuo.

No acumulado até maio (último dado fornecido pelo Confaz), em relação ao mesmo período do ano anterior, percebe-se que apenas o setor terciário apresentou aumento nominal de arrecadação de ICMS (+4,42%) - ainda assim, o dado é ligeiramente abaixo da inflação. O setor primário exibiu queda nominal de 21,06% e o secundário de 1,21%.

Entre as seções, o maior resultado negativo da arrecadação, nesse mesmo comparativo, foi da Indústria de Transformação (-R\$ 200,0 milhões / -2,65%) e o maior resultado positivo foi do Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (+R\$ 283,2 milhões / +4,29%). Em termos relativos, destaque para Atividades Imobiliárias, com crescimento de 241,46% e para Administração Pública, Defesa e Seguridade Social, com queda de 87,59%. Todos esses valores são nominais.

Entre as dez principais divisões CNAE – entenda-se aqui como as que mais arrecadam ICMS – somente uma apresentou crescimento nominal da arrecadação superior à inflação do último ano, a Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (não confundir com a seção homônima, que engloba ainda as de divisões Comércio Atacadista e Comércio Varejista), que cresceu 8,59%.

Voltando à comparação entre o primeiro semestre deste ano com o do ano passado, as receitas de capital apresentaram crescimento real de 33,28%, dado bastante

significativo. Foi captado R\$ 1,1 bilhão a mais (+45,19%) em operações de crédito (especialmente no mercado interno, visto que no mercado externo o montante das operações caiu significativamente) e R\$ 143,5 milhões a mais (+88,90%) em transferências.

O aumento das receitas via endividamento - que não é uma tendência recente, já vem de alguns exercícios - acaba tendo rebatimento nas despesas com Juros e Encargos da Dívida, que subiram R\$ 11,5 milhões (+10,88%) no comparativo. Por outro lado, essas receitas ajudaram, neste semestre, a “turbinar” os investimentos, que apresentaram incremento de R\$ 657,8 milhões (+19,20%), mais que compensando a forte queda de R\$ 387,1 milhões (-40,47%) das inversões financeiras.

Do lado das despesas correntes, o crescimento real de 5,72% pode ser explicado em grande parte pelo aumento de R\$ 1,5 bilhão (+8,45%) das Outras Despesas Correntes, além do já abordado crescimento das despesas com juros – que apesar do significativo crescimento percentual, não apresenta um volume grande de recurso em termos monetários absolutos. A outra componente significativa das despesas correntes, as despesas com Pessoal e Encargos Sociais, subiram R\$ 1,4 bilhão (+3,68%), influenciada pelos reajustes conquistados por algumas carreiras do estado no início de 2026.

Perspectivas

Podemos perceber que o primeiro semestre deste ano foi marcado por aumento real das despesas, possivelmente influenciado pelo ciclo eleitoral. Marca disso é o sensível aumento das Outras Despesas Correntes, bem como dos Investimentos em áreas sociais como saúde, educação, moradia, segurança e assistência social. Aqui não se insinua um caráter eleitoreiro ou algo que o valha, mas observa-se um fenômeno comum e cíclico, que é parte da dinâmica do orçamento público – e é plenamente possível esses movimentos serem feitos com eficiência e responsabilidade.

O comportamento das receitas fez com que os resultados financeiros não fossem comprometidos a priori, uma vez que cresceram em ritmo parecido com o das despesas. No entanto, tal aumento foi especialmente puxado pelas Transferências –

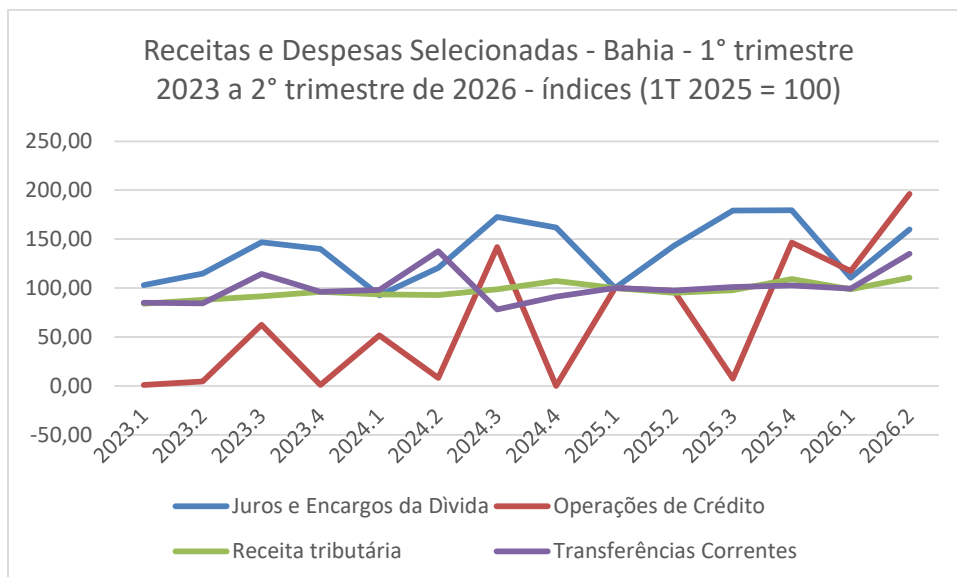
influenciadas, por sua vez, pelos bons resultados da arrecadação tributária federal. A receita tributária estadual, por outro lado, ainda apresenta comportamento vacilante.

A arrecadação do principal imposto estadual, o ICMS, apresenta-se mais tímida que no ano anterior em quase todos os ramos produtivos, com exceção do comércio. A continuidade de um bom desempenho no comércio vai depender da continuidade de bons resultados no emprego, na renda e de uma melhora no nível de endividamento, que se encontra demasiadamente alto. A reversão dos maus resultados na indústria, por sua vez, irá depender, sobretudo de uma recuperação dos investimentos privados.

De todo modo se pode existir questionamentos sobre a continuidade do crescimento das receitas, a lei eleitoral acaba por conter o crescimento de despesas no segundo semestre. Assim, a tendência de curto prazo é a da manutenção dos bons resultados financeiros. Qualitativamente, é preciso observar os potenciais pontos de agravo apontados, que são a dinâmica das receitas tributárias e o aumento do endividamento.

O gráfico mostra a evolução do valor real de algumas receitas e despesas que acabamos de chamar atenção. Está em números índice para que o foco recaia nas taxas de variação e não nos valores absolutos em si.

Figura 1 - Receitas e Despesas Seleccionadas - Bahia - 1º trimestre de 2023 a 2º trimestre de 2026 - índices (1º trimestre de 2025 = 100)



Fonte: Elaboração Própria. Dados da Sefaz-BA

Note-se que o aumento das Operações de Crédito é uma tendência consistente. No entanto, a despesa real com Juros e Encargos da Dívida não apresenta tendência de igual magnitude (muito embora tenha mesma direção e sentido). Isso pode significar que a crescimento das receitas via endividamento não está impactando – ao menos não de maneira significativa - as despesas correntes. O que pode preocupar é a relativa estagnação da receita tributária, como também se pode visualizar acima. As transferências correntes têm “segurado o rojão”, apresentando crescimento real após períodos de instabilidade.

PIB BAIANO TEM ALTA DE 2,3% NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 2026

João Paulo Caetano Santos (joaopaulo@sei.ba.gov.br)

Denis Veloso (dveloso@sei.ba.gov.br)

Carol Vieira (carolvieira@sei.ba.gov.br)

A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) apresenta os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia que avançou 2,3% no segundo trimestre de 2026, frente ao mesmo período de 2025. Na série com ajuste sazonal,

que compara o segundo trimestre de 2026 ao trimestre imediatamente anterior, houve crescimento de 1,0%. No acumulado do primeiro semestre (janeiro a junho), a expansão foi de 1,3%, enquanto na taxa anualizada (últimos 12 meses) ¹⁴ o aumento atingiu 1,8%.

PIB em valores correntes

No segundo trimestre de 2026, o PIB da Bahia alcançou R\$ 154,7 bilhões, dos quais R\$ 140,3 bilhões correspondem ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 14,4 bilhões aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Entre os grandes setores, a **agropecuária** registrou VA R\$ 26,5 bilhões, a **indústria** R\$ 29,1 bilhões e os **serviços** R\$ 84,7 bilhões.

No acumulado do primeiro semestre de 2026, o PIB totalizou R\$ 297,0 bilhões, sendo R\$ 263,3 bilhões referentes ao Valor Adicionado e R\$ 33,7 bilhões aos impostos. Nesse período, a **agropecuária** somou VA de R\$ 32,3 bilhões, a **indústria** R\$ 58,3 bilhões e os **serviços** R\$ 172,6 bilhões.

Segundo trimestre 2026 / Segundo trimestre 2025

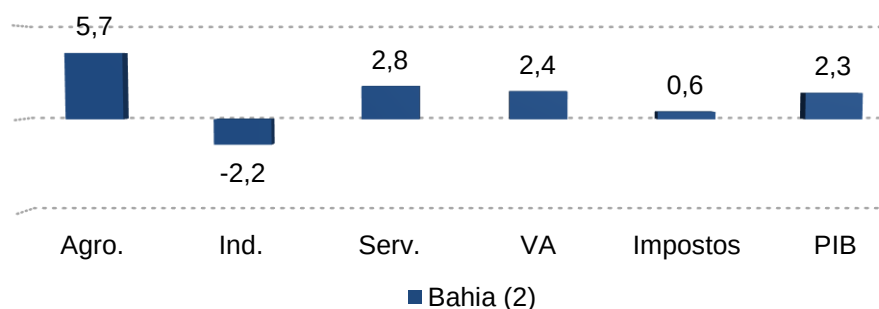
Em relação ao mesmo período de 2025, o **PIB da Bahia** cresceu 2,3% no segundo trimestre de 2026, segundo cálculos da equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado avançou 2,4%, enquanto os impostos sobre produtos líquidos de subsídios registraram alta de 0,6%. Dois dos três grandes setores tiveram desempenho positivo: **agropecuária** (+5,7%) e **serviços** (+2,8%). Já a **indústria** recuou 2,2% no trimestre (abril, maio e junho).

Gráfico 01

**Variação dos setores do Produto Interno Bruto
Bahia – 2º trim.2026(1)**

%

¹⁴ A taxa anualizada corresponde ao período acumulado em 12 meses. No caso deste boletim, considera-se o período de julho de 2025 a junho de 2026, em comparação ao mesmo período anterior.



Fonte: SEI/ IBGE (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

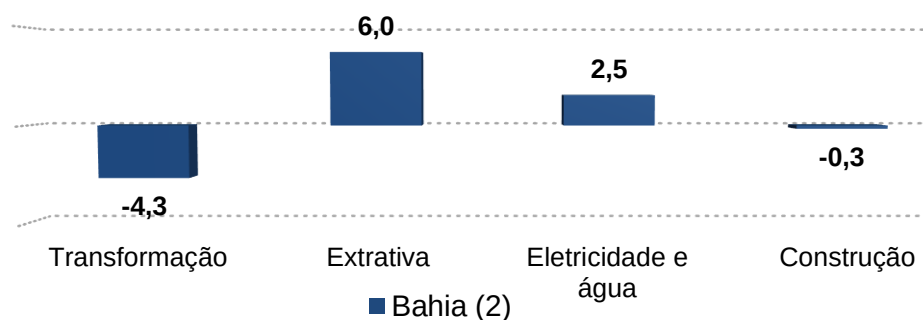
Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Nos três primeiros meses de 2026, em comparação ao mesmo período do ano anterior, o **setor agropecuário** da Bahia registrou crescimento em volume de 5,7%, impulsionado pelo desempenho positivo de culturas como soja, milho, algodão, cacau e café.

A **indústria da Bahia** registrou sua terceira queda (-2,2%) trimestral consecutiva no 2º trimestre de 2026, com uma retração em relação ao mesmo período do ano anterior. Entre as atividades, *Construção* (-0,3%) e *Indústria de transformação* (-4,3%), recuaram no segundo trimestre de 2026, enquanto as *Indústria extrativa* (+6,0%) e *Eletricidade e água* (+2,5%) registraram resultados positivos frente ao mesmo trimestre do ano anterior.

Gráfico 02
Variação das atividades da Indústria
Bahia – 2ºtrim.2026



Fonte: SEI/ IBGE (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

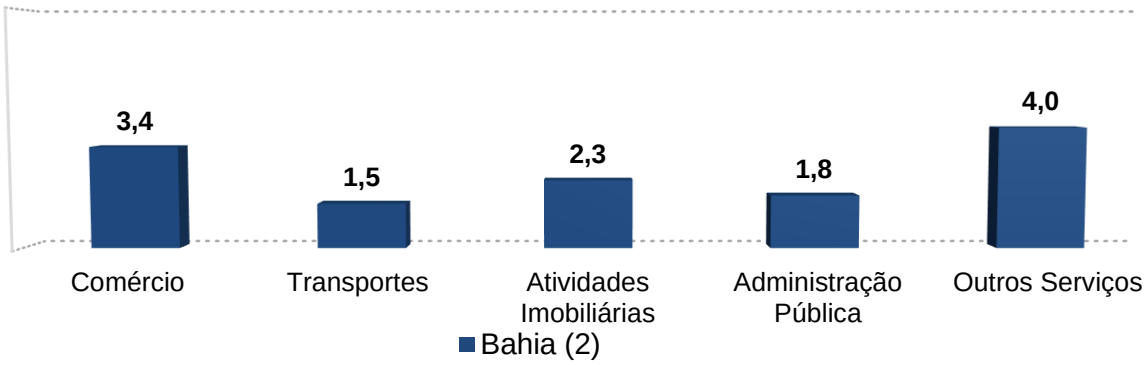
(2) Dados sujeitos a retificação.

O **setor de serviços** da Bahia registrou crescimento de 2,8% no segundo trimestre de 2026. Praticamente todas as atividades apresentaram desempenho superior ao mesmo período de 2025, com destaque para o *Comércio* (3,4%), as *Atividades imobiliárias* (+2,3%) e o segmento de *Transportes* (1,5%). A *Administração pública* (+1,8%) de grande relevância para a economia estadual, também registrou expansão, enquanto o agrupamento de *Outros serviços*¹⁵ apresentou incremento de 4,0%.

Gráfico 03

Variação das atividades de Serviços Bahia – 2º trim. 2026(1).

¹⁵ Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços domésticos.

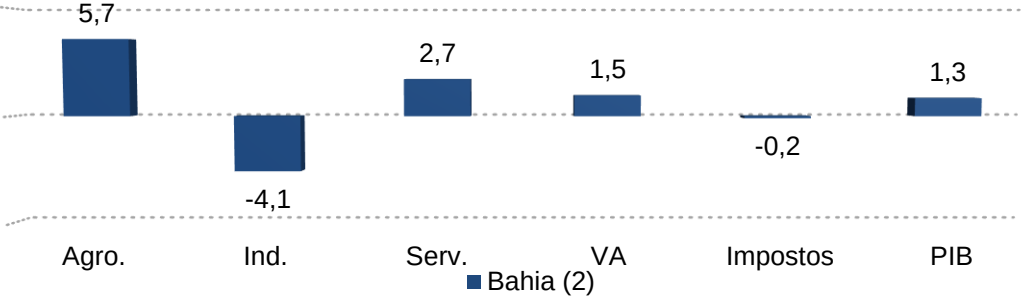


Fonte: SEI/ IBGE (2026).
Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.
Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.
(2) Dados sujeitos a retificação.

Primeiro semestre 2026 / Primeiro semestre 2025

No acumulado de janeiro a junho de 2026, o **PIB baiano** avançou 1,3% em relação ao mesmo período de 2025. O Valor Adicionado aumentou 1,5%, enquanto os impostos sobre produtos líquidos de subsídios caíram 0,2%. Entre os grandes setores, a **agropecuária** apresentou expansão de 5,7%, a **indústria** registrou queda de 4,1% e os **serviços** subiram 2,7%.

Gráfico 04
Variação dos setores do Produto Interno Bruto
Bahia – 1ºsem. 2026(1).



Fonte: SEI/ IBGE (2026).
Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
(2) Dados sujeitos a retificação.

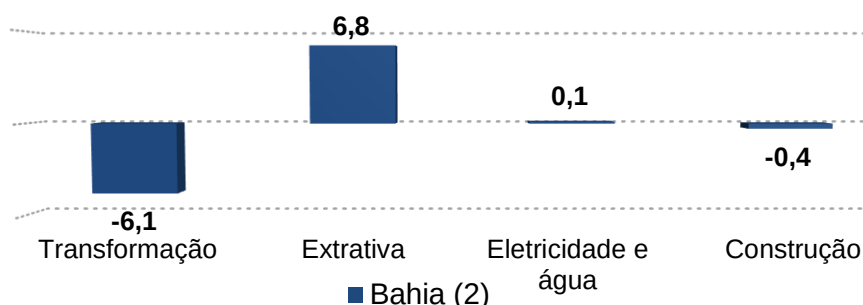
Segundo os dados calculados pela SEI, o VA do **setor agropecuário** cresceu 5,7% nos seis primeiros meses do ano, frente ao mesmo período do ano anterior.

O VA do **setor industrial** baiano registrou queda em volume de 4,1% no primeiro semestre do ano, frente a igual período do ano anterior, pressionado pela retração em duas das quatro atividades que o compõem: *Transformação* (-6,1%) e *Construção* (-0,4%). Por outro lado, registraram taxas positivas em volume a atividade de *Eletricidade e água* (+0,1%) e a *Extrativa* (+6,8%).

Gráfico 05

Variação das atividades da Indústria Bahia – 1º sem. 2026(1)

%



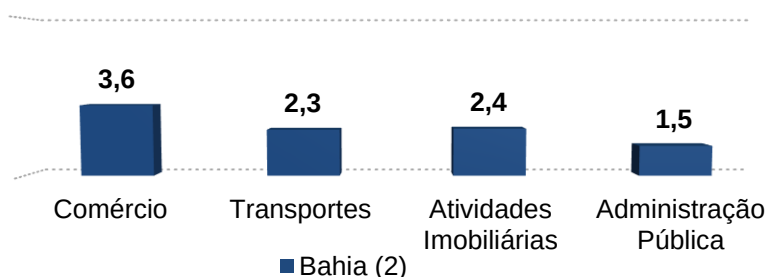
Fonte: SEI/ IBGE (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Ao longo do primeiro semestre de 2026, os serviços na Bahia registraram alta de 2,7% no volume do seu valor adicionado comparando com o mesmo período do ano anterior. Os componentes do setor contribuíram favoravelmente para esse avanço: além das elevações verificadas no *Comércio* (+3,6%) e em *Outros serviços* (+3,5%), observou-se desempenho favorável nos segmentos de *Atividades imobiliárias* (+2,4%), *Transportes* (+2,3%) e *Administração pública* (+1,5%).

Gráfico 06**Variação das atividades de Serviços
Bahia – 1º sem. 2026(1).**

Fonte: SEI/ IBGE (2026).

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

MERCADO DE TRABALHO: SALDO MENOR, MAS TODOS OS SETORES GERAM POSTOS FORMAIS NA BAHIA

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

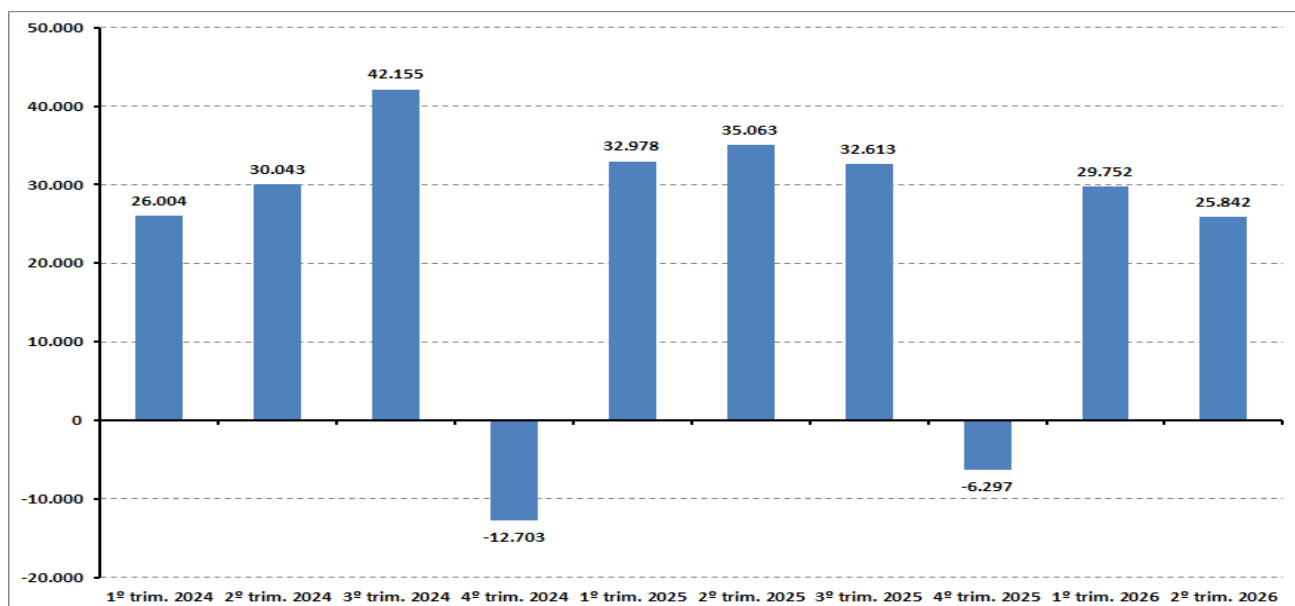
O mercado de trabalho vem conseguindo se manter como peça importante para o movimento das engrenagens da atividade econômica, com recordes positivos em alguns de seus indicadores. No entanto, mesmo que sutis, sinais de perda de ritmo podem ser identificados – o que gera alguma apreensão para o médio e longos prazos. A conjuntura do mercado de trabalho baiano foi aqui exposta tendo por base tanto os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, quanto os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De acordo com o Caged, de abril a junho de 2026, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado aumentou em relação ao trimestre imediatamente antecedente, fruto da geração líquida de 25.842 postos. No acumulado do ano, 55.594 novas vagas. Ao fim do segundo trimestre, portanto, a Bahia passou a contar com 2.193.848 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 2,60% sobre o quantitativo de 2.138.254 empregos computados no início do ano. A preocupação, no entanto, volta-se para um saldo menor agora do que no primeiro trimestre e no mesmo intervalo de um ano antes, quando 29.752 e 35.063 novos postos de trabalho foram abertos, respectivamente (Gráfico 1).

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de abril a junho de 2026, com 306.816 vínculos a mais. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em 25 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo líquido de 25.842 oportunidades ocupacionais, ficou na quarta posição, três colocações acima da verificada no intervalo imediatamente anterior.

Além do mais, o crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia no segundo trimestre de 2026 alcançou todos os cinco grandes estratos setoriais. O setor de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 14.433 trabalhadores no período. O setor de *Construção*, com 5.406 novos contratos, também indicou um saldo relevante, o segundo maior entre as atividades. Em seguida, com dados positivos menos protuberantes, vieram a *Indústria geral* (+4.092 vínculos), o Comércio (+1.297 postos) e a *Agropecuária* (+614 vagas).

Gráfico 1 – Saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 1º trim. 2024-2º trim. 2026



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Caged.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

Conforme a PNADC, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 9,1% no segundo trimestre de 2026. Trata-se do menor índice para um segundo trimestre da série, juntamente com o do mesmo período de 2025. Além do mais, refere-se ao terceiro menor valor da sequência. Do primeiro ao segundo trimestre deste ano, mesmo que levemente, a taxa de desocupação na Bahia decresceu, pois passou de 9,2% para 9,1% – apontando recuo de apenas 0,1 ponto percentual, insuficiente para suplantiar o aumento ocorrido no trimestre antecedente (+1,2 p.p.). Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2025, com estimativa de 9,1%, porém, não houve decréscimo, já que a taxa mais recente ficou no mesmo nível (Tabela 1).

No Brasil e no Nordeste, as estimativas foram de 5,4% e 7,6%, respectivamente – percentuais menores do que para a Bahia (9,1%). A Bahia exibiu a segunda estimativa mais elevada do país (atrás do Amapá, com 9,8%). Na outra ponta, Santa Catarina (2,1%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual de mais de quatro vezes o observado em território catarinense. Em termos de variação, no país, o recuo foi quase generalizado: além da Bahia, outras 25 unidades da Federação apresentaram retração do primeiro ao segundo trimestre (independentemente da significância estatística).

Além da análise da taxa de desocupação, indicador de maior evidência quando se trata de mercado de trabalho, as investigações de outros parâmetros possibilitaram observações adicionais para o entendimento da conjuntura atual no quesito emprego e renda. De positivo, constatou-se: i) em bases trimestrais, a contração da taxa de desocupação se deu por conta de dois movimentos favoráveis, a ampliação da ocupação e a retração dos desocupados; ii) o número de ocupados aumentou após ter recuado, alcançando 6,557 milhões e registrando o maior quantitativo entre segundos trimestres e o segundo maior da série – com o auge no último trimestre de 2025 (6,628 milhões); iii) o total de desocupados encolheu após ter aumentado, tendo sido realidade para 656 mil baianos e assumindo o segundo menor montante em um segundo trimestre e o quinto menor desde o começo da sequência – já tendo sido de 576 mil no trimestre de encerramento do ano passado, melhor marca da história; iv) o número de pessoas fora da força de trabalho reduziu depois de ter ampliado, caindo a 4,996 milhões; v) o desalento encolheu, registrando 366 mil desalentados e o menor contingente desde o do terceiro trimestre de 2015 (309 mil); vi) o número de trabalhadores formais aumentou, atingindo o maior montante da série; vii) o rendimento real habitual de todos os trabalhos aumentou pelo quarto trimestre seguido, crescendo 1,1% no intervalo mais recente e chegando a R\$ 2.563, maior valor da história; viii) a massa de rendimento real cresceu pela sétima vez consecutiva, aumentando 2,4% no último trimestre e alcançando R\$ 16,427 bilhões, maior montante da série; e ix) o aumento trimestral da massa de rendimento real se deu por conta de dois movimentos positivos, o aumento da ocupação e a alta do rendimento médio real.

No entanto, a despeito dos avanços, alguns achados suscitaram preocupações, tais quais: i) o crescimento da população ocupada no segundo trimestre (mais 106 mil indivíduos) não superou o recuo antecedente (menos 177 mil pessoas); ii) a queda da desocupação recente (menos mil pessoas) ficou muito aquém do aumento no trimestre anterior (mais 81 mil desocupados); iii) o quantitativo de indivíduos fora da força de trabalho permaneceu acima de qualquer patamar anterior ao surgimento da pandemia; iv) o contingente de desalentados no estado continuou sendo o maior do país, representando 16,0% da população desalentada brasileira; v) o total de informais se expandiu e se revelou o quarto maior da série; vi) o número de informais cresceu mais do que o de formais, respondendo por aproximadamente 53,3% do aumento da

população ocupada baiana do primeiro ao segundo trimestre; vii) após quatro quedas consecutivas, a taxa de informalidade parou de cair, marcando 50,6% (mantendo-se, no entanto, como a quarta menor da série); viii) a taxa de informalidade em terras baianas se revelou a quarta maior entre as unidades federativas e se manteve acima das taxas brasileira (37,4%) e nordestina (48,7%); ix) o rendimento real habitual se mostrou o terceiro mais baixo do país (acima apenas dos verificados no Maranhão e no Piauí); e x) o crescimento do rendimento real habitual perdeu força, sendo inferior aos verificados nos três trimestres antecedentes.

Tabela 1 – Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 2º trim. 2025/1º trim. 2026/2º trim. 2026

Indicador	Estimativa			Variação	
	2º trim. 2025	1º trim. 2026	2º trim. 2026	2º trim. 2026 / 1º trim. 2026	2º trim. 2026 / 2º trim. 2025
População em idade de trabalhar (em mil)	12.210	12.203	12.209	0,0%	0,0%
População na força de trabalho (em mil)	7.107	7.107	7.213	1,5%	1,5%
Ocupados (em mil)	6.458	6.451	6.557	1,6%	1,5%
Ocupados formais (em mil)	3.084	3.185	3.234	1,5%	4,9%
Ocupados informais (em mil)	3.376	3.265	3.321	1,7%	-1,6%
Desocupados (em mil)	648	657	656	-0,2%	1,2%
População fora da força de trabalho (em mil)	5.103	5.096	4.996	-2,0%	-2,1%
Desalentados (em mil)	459	426	366	-14,1%	-20,3%
Taxa de desocupação	9,1%	9,2%	9,1%	-0,1 p.p.	0,0 p.p.
Nível da ocupação	52,9%	52,9%	53,7%	0,8 p.p.	0,8 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,2%	58,2%	59,1%	0,9 p.p.	0,9 p.p.
Taxa de informalidade	52,3%	50,6%	50,6%	0,0 p.p.	-1,6 p.p.
Rendimento médio real habitual	R\$ 2.299	R\$ 2.536	R\$ 2.563	1,1%	11,5%
Massa de rendimento real (em milhões)	R\$ 14.581	R\$ 16.040	R\$ 16.427	2,4%	12,7%

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Para os próximos meses, há chances de materialização de um cenário econômico marcado por perda adicional de dinamismo e, neste contexto, a melhoria dos níveis de emprego e renda deve ficar comprometida e assumir um compasso relativamente mais lento. Enfim, vale destacar, apesar de tudo, a expectativa é de que a economia siga crescendo e o mercado de trabalho continue incorporando trabalhadores e gerando renda, mesmo que experimentando ritmo menos intenso.